**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

**Curso de Letras**

**Nayara Caroline de Sousa**

**Literatura de Testemunho:**

**memória do sobrevivente e manutenção da história - passado no presente.**

Goiânia

2022

**Nayara Caroline de Sousa**

**Literatura de Testemunho:**

**memória do sobrevivente e manutenção da história - passado no presente.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obter o título de licenciatura em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob orientação da profa. Dra. Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira.

Goiânia

2022**Nayara Caroline de Sousa**

**Literatura de Testemunho:**

**memória do sobrevivente e manutenção da história - passado no presente.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obter o título de licenciatura em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob orientação da profa. Dra. Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira.

Goiânia, 22 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

Orientadora

Dra. Elizete Albina Ferreira

Membro

**Sumário**

[Introdução 5](#_heading=h.gjdgxs)

[Capítulo 1: Sobre o Testemunho 11](#_heading=h.30j0zll)

[Capítulo 2: Sobre a linguagem e o tempo 23](#_heading=h.3znysh7)

[2.1 Reminiscências 23](#_heading=h.2et92p0)

[2.2 Trauma 31](#_heading=h.3dy6vkm)

[2.3 Reconstrução 39](#_heading=h.1t3h5sf)

[Considerações finais 47](#_heading=h.4d34og8)

[Referências 49](#_heading=h.17dp8vu)

**Resumo**

A intenção deste trabalho é demonstrar como a Literatura de Testemunho, uma corrente literária surgida no século XX, é importante para valorização da memória e para a manutenção da História. Ainda hoje, há a tendência de uma certa negação de fatos históricos, e até mesmo a manipulação desses fatos para o favorecimento de um poder político que mantém discursos de ódio contra aqueles que têm menos poder de representatividade.

A negação de que o nazismo aconteceu, por exemplo, é ferir a memória daqueles que sobreviveram, é assassinar novamente aqueles que morreram, é matar a História. A negação e a manipulação da história possibilitam que discursos análogos aos discursos nazistas, ou de qualquer outro poder de cunho autoritário possam prevalecer. É por isso que este trabalho veio a se concretizar, por meio de pesquisas e estudos teóricos, a partir de Silva, Ricœur. Kristeva, Primo Levi, Elie Wiesel, que permitiram trazer análises da linguagem dentro desta Corrente Literária a partir da obra: *Depois de Auschwitz.*

Palavras chaves: literatura de testemunho, memória, representação

# Introdução

O século XX foi marcado por grandes embates que causaram impactos, tanto na historiografia, quanto na literatura. Pela consciência da representação sígnica que toma conta do século XX, o historiador observa que a historiografia está afeita à escrita, mas não somente a ela. Tem necessidade de buscar marcas para além do que a historiografia dá conta, ir em busca de fatos que não foram escritos por ela, mas descritos por outros sistemas significantes. E a consciência sígnica da escrita como representação ideológica, traz à representação historiográfica a visão de que o registro, muitas vezes, acontece de acordo com uma certa ideologia política que está no poder. Na literatura, pela mesma consciência da natureza do signo, especialmente do signo verbal, surge uma corrente literária chamada Literatura de Testemunho, pela necessidade de uma nova forma de representação que narre fatos reais, mesmo que em forma literária.

Esta corrente literária nasce de narrativas de fatos traumáticos gerados por governos autoritários. É uma escrita que problematiza a possibilidade e os limites da representação. Ao lado dela, surge outra forma literária, também de cunho testemunhal, que se chama Literatura de Testimonio, que tem uma grande carga ideológica e foi cultivada apenas na América Latina e vê o testemunho como forma de denúncia e reportagem. Ela intenta buscar justiça e denunciar as agressões às quais uma pessoa foi submetida e, assim, toma um sentido de confissão, de denúncia, pautado apenas a partir do ponto de vista do agredido. Geralmente, essa literatura traz a ideia de uma pessoa exemplar, um herói, acentuando seu valor político.

A corrente literária que pautará este trabalho será a primeira, a Literatura de Testemunho, que diferente da Literatura de Testimonio, não traz a ideia de "herói", nem de denúncia, é uma narrativa literária que, inserida em um contexto histórico, leva em conta uma memória coletiva. São relatos de memórias traumáticas, que mesmo individualizadas, foram geradas por genocídios organizados por governos autoritários, como o nazismo, por exemplo. São memórias de sobreviventes, não de heróis, são indivíduos de uma massa humana que não apenas viram a história, mas que são testemunhas vívidas, diretas do que de fato aconteceu. A importância deste estudo está na valorização da memória individual para a manutenção da história de uma coletividade, por meio dos registros a partir dos fatos narrados por estes sobreviventes.

A historiografia depende de registros sígnicos para sua demonstração e está pautada na linguagem, principalmente em sua forma escrita. É por meio da linguagem que a memória se organiza como reminiscência e transmissão/recepção. É interessante observar a forma como a linguagem é usada nesses relatos pois, em sendo a linguagem uma importante característica da humanidade e demonstradora do conjunto de fatos semióticos, ela é de suma importância para a formação do indivíduo e da sociedade. Ela não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas uma forma de construção de um consciente coletivo e de índice de posturas e caminhos assumidos pelo indivíduo na coletividade. O indivíduo, a partir do seu nascimento, é inserido em um meio que se estabelece através da comunicação e organiza as suas crenças, os seus valores morais, as suas formas de ação por meio da linguagem, formando uma cultura. Inserido na sociedade, as instituições sejam elas: familiares, religiosas, educacionais, moldarão uma ideologia, formarão uma cultura, de acordo com este meio e com o seu tempo histórico. A linguagem usada por este indivíduo, os textos que produzirá, oralmente, ou na forma escrita, trarão as marcas desse meio, dessa cultura, desse tempo histórico. Não serão mais apenas linguagem, língua, mas textos, formas de construção de um pensamento social e histórico.

Kristeva afirma em seu livro Introdução à Semanálise:

[...] O texto impede a identificação da linguagem como sistema de comunicação de sentido, com a História, como um todo linear. Equivale dizer que ele impede a construção de um *continuum* simbólico substitutivo da linearidade histórica, [...] Fazendo romper a superfície da língua, o texto é o “objeto” que permitirá quebrar a mecânica conceitual que põe em foco uma linearidade histórica e ler uma histórica estratificada: de temporalidade cortada, recursiva, dialética, irredutível a um único sentido, mas feita de tipos de práticas significantes, nas quais a série plural resta sem origem nem fim. Uma outra história se perfilará assim, que serve de base à história linear: a história recursivamente estratificada das significâncias, da qual a linguagem comunicativa e sua ideologia subjacente (sociológica, historicista ou subjetivista) representam apenas a faceta superficial. (KRISTEVA, 2022, p. 7)

A forma de construção do texto, a organização da linguagem na Literatura de Testemunho é de suma importância, pois, é por ela que emergirá a voz dos sobreviventes e as significâncias construídas por suas memórias traumáticas, formadoras de uma história espiral e profunda. A voz dos sobreviventes, por meio do texto literário, torna-se a voz da coletividade e a manutenção da história, pois traz significância ao fato histórico.

No entanto, o texto, sujeito à língua, também coíbe a ação de expressão do sobrevivente. Os sobreviventes encontram uma grande dificuldade em contar o que se passou, pois o instrumento que eles têm em mãos - a língua - deixa-lhes a impressão de estarem narrando aquém da representação do fato vivido. Faltam-lhes palavras que possam de fato expressar todo o sentimento. Quanto à história, a história individual, não se faz linear. Ela acopla o fato traumático à história coletiva do fato histórico, mas nela fazem-se rupturas de tempos (vidas) que não deixam de estar inseridas na linearidade histórica, formando camadas de elementos significantes. Não existe apenas o momento do trauma; antes houve uma vida, outras experiências que formaram o indivíduo cultural. A esse indivíduo, acopla-se o trauma, que é histórico, que individual e é coletivo e, durante esse momento traumático, há lembranças de uma vida anterior que é quase como alucinação. Nessa situação ele se perde como indivíduo cultural. Torna-se apenas homem-sobrevivente. Depois do trauma, há a tentativa de retomar a vida, mas ela agora não existe mais, nos moldes em que vivia. Ele nem se reconhece mais. A partir daí o sobrevivente busca uma reconstrução, busca encontrar de volta sua identidade, tenta buscar seu lugar enquanto parte de uma sociedade. E, novamente, assume-se apenas como ser sobrevivente. Diante do enfrentamento com a língua e da força da linearidade histórica, ele se cala. CYTRYNOWICZ, in SILVA, 2003, p.123. O silêncio do sobrevivente é uma das características dessa literatura: as narrativas desta corrente literária são escritas baseadas na memória, em alguns casos, muitos anos após o fato traumático.

Este silêncio advém de um certo negacionismo: por parte do próprio sobrevivente, por não querer para si um local de vítima, e por necessidade de esquecer e seguir em frente; por parte da sociedade, também recém saída do trauma da guerra, por não querer ouvir, nem tomar conhecimento de narrativas individuais que lhe aumente o trauma. Mas forma-se no sobrevivente, ao mesmo tempo, uma dualidade, latente, que explodirá um dia, pois embora não consiga falar a respeito de seus traumas e nem encontre pessoas dispostas a ouvi-lo, sente uma grande necessidade, um apelo interior em contar o que experienciou.

Este relato acontecerá como na própria história da narrativa: ele será primeiramente oral, depois escrito, justamente porque a língua, na sua forma oral, encontrará caminhos mais facilmente capazes de expressões significantes.

As narrativas se fazem como uma forma (gênero) natural de manutenção e construção da cultura (narrativa oral - é o resultado de um processo coletivo/continuado de criação. São os primeiros gêneros ficcionaisque as diferentes sociedades utilizaram para contar fatos marcantes, provavelmente realmente ocorridos, mas que traziam em si um grau significativo de mistério para quem os viveu. (BARBOSA ET OLIVEIRA, 2020, p.11)

Este não é um método obrigatório, mas alguns sobreviventes, primeiramente, desempenharão o ato de fala, para depois passarem para um registro literário, e este registro é socialmente importante, pois não traz consigo uma carga ideológica do poder instituído, não tem uma intenção política. Antes, tem uma função de catarse para o sobrevivente e torna-se obra literária, com todas as suas características de produtividade e para a história traz registros que a historiografia não trouxe.

Mas faz-se também como criação ficcional e quando ela é arquitetada com características estéticas, nas quais o arrombamento do código é propriedade de acréscimo do poder de semiose, a narrativa ficcional assume poder transformacional, porque não é mais condutora de histórias, mas produtora de sentidos (BARBOSA ET OLIVEIRA, 2020, p.11)

A importância dessas memórias individuais está na sua capacidade de serem também coletivas, porque são memórias de vivências individuais de um fato coletivo e, mais que isso, passíveis de serem a manutenção da veracidade dos fatos, porque muda o foco da escrita para a leitura. A narrativa do sobrevivente é a leitura vívida do fato historiografado. Ricoeur afirma:

O que proponho hoje, é deslocar o ponto de vista adotado, o da escrita para a leitura, ou, mais genericamente, da elaboração literária do trabalho histórico para a sua receção, seja ela pública ou privada, de acordo com as linhas de uma hermenêutica da receção. Este deslocamento dar-me-á oportunidade de extrair certos problemas cruciais que dizem manifestamente mais respeito à recepção da história do que à sua escrita, para os trazer à luz. As questões em jogo dizem respeito à memória, já não como simples matriz da história, mas como reapropriação do passado histórico por uma memória que a história instruiu e muitas vezes feriu. (RICOEUR, 2003, p. 01)

Dentro da Literatura de Testemunho há um livro particularmente interessante: Depois de Auschwitz de Eva Scholls. É um relato de uma sobrevivente do campo de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. O livro é escrito em primeira pessoa, a partir do relato oral da sobrevivente a uma escritora. É o enunciador falando a respeito de suas memórias traumáticas, na tentativa de trazer para a compreensão do leitor os horrores vividos pela sobrevivente. Eva não tem a intenção de que seu relato seja como um documento histórico e, por isso, sua linguagem não é a de documentário, (questiona muito isso, inclusive) mas o fato vivido por ela é histórico, é social e ela traduz esses fatos a partir do ponto de vista dela, a partir da sua experiência individual de quem não apenas presenciou o fato, mas viveu-o. Nele pode-se observar a construção do texto estratificando a história e dando-lhe significância.

De aparência linear na distribuição de capítulos sequenciais, a obra mostra, pela utilização diferenciada da linguagem, na construção do texto, três claros extratos temporais que se acoplam mnemonicamente, para formar a obra como elemento significante.

O processo de semiose frente ao signo histórico se dá pelo acoplamento dessas três formas de uso da linguagem: num primeiro momento, quando relata sua infância, traz para a leitura um aspecto de “querido diário”, quando trata de recordações de sua casa em Viena, sua família e seus amigos e pode-se observar a formação cultural da sociedade e do indivíduo que faz o relato. Na segunda parte, ela relata o trauma, apresenta uma linguagem sóbria, oferecendo uma leitura profunda que apresenta detalhes de dados históricos sob o ponto de vista do enunciador. Leituras individuais que adensam a responsabilidade coletiva do fato histórico, mas que apenas uma testemunha que vivenciou o fato poderia relatar. A terceira parte, mostra Eva, adulta, em sua relação com o trauma: apresenta seu processo de reconstrução e sua procura de uma identidade, a recuperação individual e coletiva do pós-guerra. Nessa parte, a linguagem se examina como linguagem, de ser capaz de expressão e de representação do fato individual dentro do fato histórico. Essas três partes formam a obra; uma obra literária que, por esse fato, assume características ficcionais. Não no sentido de ser invenção ou fruto da imaginação do enunciador, mas porque em sendo narrativa e o enunciador sendo testemunha, é personagem de seu relato,

As marcas temporais do enunciador mostram-se no enunciado por meio de uma linguagem por vezes literária, mas em sua maioria prosaica e direta, por meio da qual convida francamente o leitor para imaginar como é estar em um campo de concentração, a viver o fato histórico. Como já comentado, a obra é apresentada em capítulos sequenciais, mas a observação da mudança da linguagem, marcando extratos temporais, faz a organização do enunciado em três grandes partes, crescendo o processo de semiose da obra, adensando o peso histórico do fato e demonstrando que a Literatura de Testemunho tem características próprias que precisam ser reconhecidas.

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da Literatura de Testemunho para a memória da história através da obra: *Depois de Auschwitz*. Demonstrar como esta literatura é importante para que novos genocídios não voltem a acontecer. Mostrar a importância da Literatura de Testemunho para a valorização da memória e a manutenção da história e apresentar, de forma mais aprofundada, as características dessa corrente literária. Tem como objetivo, ainda, identificar, no enunciado, as marcas características do enunciador em situação de autobiografia e temporalidade.

A obra será analisada sob a visão da Semiótica, com enfoque na questão da linguagem e na construção do texto e seu cotejamento com as questões da história e da memória. Trará como referenciais teóricos: Seligmann, no que diz respeito ao testemunho do sobrevivente, suas características e sobre a importância de uma nova literatura, que levasse em conta as memórias traumáticas do sobrevivente como fato lítero-histórico. Sobre a necessidade de novas formas de representação do trauma, que dessem voz à vítima de um evento traumático e sobre a importância do trabalho da história e da memória. Ainda sobre a memória, este trabalho será pautado na obra de Paul Ricoeur: A memória, a história e o esquecimento, que trata da valorização da memória, visto que esta é também uma forma de acesso ao passado e, portanto, à história. Fala ainda da memória arquivada, que é o momento em que a memória sai do campo da oralidade para a escrita. As questões sobre a construção textual serão conduzidas pelas observações de Julia Kristeva, no que diz respeito à Semanálise e como reconhecer sua produção é importante para a organização dos blocos históricos e dos discursos na sociedade. A metodologia é a da revisão bibliográfica.

# Capítulo 1: Sobre o Testemunho

As primeiras reflexões que se faz sobre um texto, como objeto de estudo, são reflexões de ordem estrutural, ou seja, como o objeto que se expõe para a análise é construído. Assim, ao se deparar com o livro de Eva Schloss, *Depois de Auschwitz,* o pesquisador se pergunta: é mesmo literatura uma narrativa dessa espécie?

Pode-se dizer que literatura é uma forma de expressão que usa o signo linguístico para recriar a realidade por meio dos olhos e da criatividade de quem escreve, dentro de um determinado contexto e sociedade. No entanto, ela é uma forma de representação e, se representa, recria a realidade por meio de signos carregados de significados vários, fazendo-os polissêmicos e criando uma nova realidade. Uma das grandes questões é: como considerar um texto literário? Segundo José de Nicola (1998), o que torna um texto literário é a função poética da linguagem que “ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado.”

O conceito de literatura pode mudar de acordo com a sociedade em que é inserida e não é possível ver a literatura como uma categoria "objetiva", descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, **uma estreita relação com as ideologias sociais** (EAGLETON, 2003, p. 22, grifo meu).

Em seu polêmico livro O Demônio da Literatura, Antoine Compagnon vai paulatinamente questionando os conceitos estabelecidos sobre vários pilares da literatura e dentre eles o contexto e a literariedade, e afirma:

Tudo que se pode dizer de um texto literário não pertence, pois, ao estudo literário. O contexto pertinente para o estudo literário de um texto literário, não é o contexto de origem desse texto, mas a sociedade que faz dele um uso literário, separando-o de seu contexto de origem. [...] Literatura é literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura (COMPAGNON, 1999, p. 45).

Essas reflexões são importantes para se examinar como as noções de literatura vista como literariedade e como contexto podem influenciar na análise sobre uma narrativa autobiográfica e histórica. Uma observação é importante: há que se considerar que é a capacidade da literatura de ser instrumento criador e transformador da sociedade que faz dela uma peculiar forma de arte um atalaia da história.

Uma das correntes literárias que chamam a atenção no Século XX é a Literatura de Testemunho. Surgida como uma forma de marcar as grandes catástrofes geradas por ideologias dominadoras que caracterizaram aquele século, tem por objeto o trauma. Os 1900 foram anos caracterizados por choques provocados por grandes impactos na humanidade. A arte, de forma geral, passou a representar toda a complexidade, desagregação e violência do momento histórico, buscando novas formas de representação que melhor evidenciassem a instalação do caos que se estabelecia. Na esteira das novas formas de representação, e tendo por objeto o trauma de sobreviventes das catástrofes geradas, é que a Literatura de Testemunho se instala. Segundo Silva (2000, p. 74) em *A História como Trauma* “isso seria uma consequência do choque da vida moderna na literatura”.

Várias são as características que marcam essa escola. Dentre elas, a dificuldade que se estabelece para se proceder a representação, pois o trauma, com sua soberania psíquica, depara-se com a barreira do signo verbal, incapaz de representar a força daquela realidade acontecida, para aquele que a viveu. Não caberia uma representação tradicional quando se fala de eventos traumáticos.

A questão do testemunho é peculiar em sua representação, desde a forma que assume até a questão do conteúdo. A primeira, porque o testemunho pode apresentar-se como textos vários: do diário, do documentário, da autobiografia, como texto historiográfico e mesmo jornalístico. A segunda, porque a questão do testemunho está tão intimamente imbricada com tantas e diversas possibilidades de reflexões, que fica difícil isolar qualquer uma delas. São reflexões sempre interdisciplinares. No entanto, resta observar que, como resultado linguístico-artístico, o testemunho se apresenta sob a forma da Literatura de Testemunho, e apresenta as características estabelecidas por este sistema significante – representação, ficção, verossimilhança, narrativa – mas em relação com a memória e a história.

 [...] a noção de testemunho despontou como uma nova possibilidade de articulação entre o histórico e a literatura, após décadas de domínio de determinadas modalidades de estruturalismo e pós-estruturalismo (SILVA, 2003, p. 30).

Essa conjugação da literatura e a história via testemunho, depende da memória, e algumas questões que perpassam a literatura, em seu desenrolar diacrônico, como a autobiografia, o diário, o autor, o personagem – narrador em 1ª pessoa e outras e sua proximidade ou distanciamento da realidade ficam aqui mais evidenciadas.

Paul Ricoeur afirma que:

O testemunho é, num sentido, a extensão da memória, tomada em sua fase narrativa. Mas só há testemunho, quando a narrativa de um acontecimento é publicitada: o indivíduo afirma a alguém que foi testemunha de alguma coisa que teve lugar; a testemunha diz: “creiam ou não, em mim, eu estava lá” o outro recebe seu testemunho, escreve-o e conserva-o (RICOEUR, 2007).

Na fase da investigação histórica, o testemunho é de suma importância, porque reacende fatos e vivifica a história. No entanto, traz consigo duas questões importantes, que afetam, também, a literatura: quem lembra e o que lembra, conduzindo à possibilidade do questionamento sobre o esquecimento e a inverdade. A história está invariavelmente ligada ao testemunho e à memória e dependente de comprovações extradocumentais, como objetos de expressão artística, fotos e relatos literários.

No caso da literatura, ela conjuga, por sua própria forma estrutural a representação e a ficção. Em se tratando, especificamente, da Literatura de Testemunho ainda deixa transparecer outras particularidades, como o relato catártico, o relato tardio, gerado pelo que Cytrynowicz chamou de “silêncio do sobrevivente”, o relato autobiográfico. Tendo como principal atributo o trauma, essa literatura apresenta um enunciado dependente da capacidade de controle da enunciação do testemunho pelo enunciador.

Roney Cytrynowicz, em seu ensaio sobre o silêncio do sobrevivente, fala sobre a impossibilidade de comunicação:

A memória individual não tem como articular a questão central instituída pelo nazismo: a possibilidade de um Estado tornar-se agente de um genocídio executado em escala industrial. Do ponto de vista da memória, isso não faz sentido; a memória não pode dar conta, afetivamente, desta articulação que cabe ao historiador; para ele, esta compreensão é seu maior desafio (CYTRYNOWICZ, in SILVA, 2020, p. 131)

Silva (2020) fala da Literatura de Testemunho como uma forma de proteger a história de possíveis manipulações e alterações. Ele discute em sua obra História, Memória, Literatura, sobre a ética, os limites da representação, e o papel do historiador diante de eventos como a Shoah e outras ditaduras. Para ele: “A ética da representação histórica força a historiografia a repensar a sua frágil independência com relação à política e, mais especificamente, à política da memória.” (SILVA, 2020, p. 74).

Na verdade, a historiografia do nazismo e, mais especificamente, da Shoah encontra-se diante do desafio de criar vasos comunicantes, tanto entre os diferentes *foci* dos envolvidos na história como também de dar conta de uma memória que resguarde tanto a singularidade do evento quanto a continuidade histórica que ele significou. (SILVA, 2020, p. 75)

Entre a memória, o testemunho e a história estabelecem-se ligações indestrutíveis e importantes estabelecidas pelo signo verbal. O desafio que a história enfrenta frente a possibilidade de desvirtuação e apagamento da história, fica amenizado pelo testemunho via literatura.

Primo Levi, referindo-se sobre a Literatura de Testemunho, vê-a como um instrumento de libertação, uma forma de prosseguir a história através do relato, que não necessariamente virá em ordem cronológica, mas, em ordem de urgência. Ele fala sobre dividir a experiência com o outro e tornar o outro participante, não se preocupando com a perfeição artística da construção textual:

É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. [...] sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Senão de fato, pelo menos como intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo (PRIMO LEVI, 1988, p.08)

Como discurso, como texto, a literatura é representação. A Literatura de Testemunho é a representação da memória e da história. Como representação, em literariedade, é sim, literatura. Distante do real? Verdade pela voz do sobrevivente.

Há dois tipos de testemunhas: *testis e* *superstes*. O testemunho *testis* é o testemunho de um terceiro, está mais para um testemunho jurídico, aquele que presenciou um evento, que atesta a veracidade dos fatos, não por tê-los experienciado, mas por tê-los assistido. É a testemunha ocular. Já o testemunho *superstes*, é a voz do sobrevivente, aquele que vivenciou o fato histórico; é a enunciação daqueles que foram silenciados diante de uma situação de opressão por parte de um poder governamental. Prisioneiros de guerra, políticos contrários ao governo em posse do poder, ou “minorias” discriminadas. No caso dos sobreviventes, aqui em questão, os judeus do campo de concentração de Auschwitz. Segundo Silva, em História, Memória, Literatura, superstes “indica a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente”. (SILVA, 2020, p. 374).

Ora, é justamente essa relação com as ações e com o mundo extraliterário que a literatura de testemunho vai reivindicar. Nesse sentido, é muito mais correto aceitar, como Manfred Frank, o fato de que é o leitor que cria a mensagem literária. A relação entre o texto e os fatos, depende da leitura e, de resto, também existem argumentos na literatura. E a imagem que ela abarca não é de modo algum indiferente à verdade (SILVA, 2020, p. 375).

Enfim, tanto a literatura quanto o testemunho caminham numa dupla vivência entre a verdade e a mentira, entre a memória e o esquecimento. Como diria Silva, entre “as palavras e as coisas”.

Há duas correntes de teor testemunhal: a primeira trata-se da Literatura de Testimonio desenvolvida na America-Latina que, apesar de trazer relatos de uma experiência violenta, não trabalha no sentido de libertação ou catarse do sobrevivente, ou da manutenção da história, mas sim, no sentido da denúncia. Tem um caráter político pontual e direcionado para apontar posicionamentos ideológicos divergentes.

O testemunho, ou o "desejo chamado testemunho", conforme expressão de John Beverley (1996, p. 282), constrói seu objeto na justa medida de um programa político preestabelecido, que cabe a ele encarnar ou vicariamente realizar (PENNA, 2020, p. 303).

É uma escrita com teor político e ideológico: “Dentro de uma perspectiva de luta de classes, assume-se esse gênero como o mais apto para "representar os esforços revolucionários" dos oprimidos, como afirmou Alfredo Alzugarat.” (SILVA, 2020, p.32). Traz a ideia de um herói e é pautado mais num relato individual de denúncia.

Já a Literatura de Testemunho é o relato individual não de um herói, é a narrativa individual da memória de um povo. Traz os testemunhos de sobreviventes que passaram por campos de concentração, ditaduras e perseguições, geralmente direcionadas a um grupo específico: Judeus, ciganos, homossexuais, dentre outros, que foram vítimas do nazismo, por exemplo. Esta corrente literária não tem intenção da denúncia de um sofrimento individual, mas antes, os sobreviventes a veem como uma forma de reconstrução e restituição da identidade de uma população. Muitos ainda a veem como um fio de esperança para que a história não volte a se repetir.

[...] as características fundamentais do testemunho e do testimonio são as mesmas: o diferencial está sobretudo nas abordagens analíticas. [...] A aporia básica da teoria do testemunho/testimonio localiza-se no âmago dessa ascensão do particular em detrimento do universal: a narrativa testemunhal é marcada por um gap entre evento e discurso (SILVA, 2020, p. 31).

Em alguns casos, a Literatura de Testemunho nasce como uma ação de catarse. Wiesel se questiona em *A noite,* sobre seus motivos para tentar traduzir sua experiência.

Para não enlouquecer? Ou, inversamente, para enlouquecer e assim melhor compreender a loucura, a grande e aterradora loucura que um dia irrompeu na história e na consciência de uma humanidade oscilante entre a força do mal e o sofrimento de suas vítimas? Teria sido para legar aos homens palavras, lembranças, como meios para se darem mais chances de evitar que a História se repita, com sua implacável atração pela violência? Ou ainda, muito simplesmente, para deixar um vestígio da provação que vivi na idade em que um adolescente só conhece da morte e do mal aquilo que descobre nos livros? (WIESEL, 2021, p. 07).

Nesses casos, o testemunho, para os sobreviventes, é a maneira que encontraram para, de alguma maneira, esvaziarem sua experiência e até mesmo como forma de rememorar seus mortos. Roney Cytrynowicz (in SILVA, 2020, p. 137) referindo-se aos contos de Elie Wiesel diz que

Em muitos de seus contos, Wiesel não escreve para comunicar, mas para não deixar morrer, para si mesmo, seu próprio testemunho, garantia de continuidade, de vida. A literatura é o testemunho de sua própria possibilidade de sobrevivência.

Esta literatura não busca a imitação do mundo, mas busca apresentar o mundo sob o ponto de vista daquele que escreve; dar forma a um “real”. Pretende chamar o mundo para o passado, a fim de prevenir o futuro. Em alguns casos, este testemunho vive uma lacuna de tempo. A enunciação amadurece no silêncio para surgir viva no enunciado. Embora apresente o texto em 1ª pessoa, de forma autobiográfica, o enunciador tem consciência de que não consegue escapar da força de representação do signo e de sua insuficiência, como representação, para satisfazer a realidade traumática que viveu. Assim, a pessoa que narra deixa de ser apenas o enunciador, ou um narrador de 1ª pessoa, mas personagem da história contada, e torna-se ser ficcional. Essa dupla vivência da testemunha e seu texto localizam-nos na ficção. Não no sentido da mentira, mas da estrutura textual que se faz na construção dessa literatura e “palavras e coisas”, reminiscências e história se inter-relacionam.

O signo, representação do fato traumático para aquele que o organiza, como testemunha, jamais será suficiente para representar a realidade que ele vivenciou. O testemunho, então, se faz enunciado literário, quando o enunciador, por fim, sai de seu silêncio.

Embora a representação esteja aquém da verossimilhança para o enunciador, ela se apresenta como uma realidade que transcende a verossimilhança para quem recepciona o texto e assume, com mais força, o caráter ficcional. Os fatos vividos por sobreviventes de eventos limites, transcende a capacidade do entendimento humano, pois não há, numa dimensão humana, a tortura e o assassinato em massa de um povo, motivados por questões de uma política intolerante. Em outras posições, o receptor tende a encarar todos os fatos como reais por martirizar o enunciador.

 Uma outra questão faz da literatura e do testemunho, instrumentos importantes em relação à história. Eles permitem que a história enfrente a possibilidade de deturpação dos fatos acontecidos. Nas situações catastróficas produzidas intencionalmente, estabelece-se um programa de ação de extermínio e o cuidado do encobrimento desse programa. Quando se fala em nazismo, fala-se de uma máquina organizada para matar. Não se cuidava apenas da morte física, pois ela iniciava muito antes, de maneira simbólica: com a prisão, com o trabalho forçado que levava à exaustão, com a exposição à doenças, fome, frio, com o apagamento da identidade de cada indivíduo e da cultura de toda uma população e por fim, sim: a morte física.

 O verdadeiro horror dos Campos de Concentração e de extermínio reside no fato de que os internos, mesmo que consigam manter-se vivos, estão mais isolados do mundo dos vivos do que se tivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento" (ARENDT, 1998, p.493).

É importante dizer que, em se tratando do holocausto, por exemplo, os cativos: judeus, ciganos, homossexuais, dentre outros, ainda que desconfiando do seu destino final, até um certo ponto não tinham certeza do que poderia vir a acontecer. Um dos motivos deste estranhamento parte justamente da incerteza dos fatos, já que por uma questão de segurança do apagamento histórico, os nazistas se organizavam de modo que as provas fossem destruídas, dificultando a comunicação, usando uma linguagem "burocrática" e até mesmo soldados que não falavam o mesmo idioma dos prisioneiros.

 Uma novilíngua utilizada pela burocracia impedia qualquer referência direta à morte: assassinato em massa era "tratamento especial", câmaras de gás eram "casas de banho", "banho de desinfecção", "ações" ou "tratamento apropriado". As vítimas eram chamadas de "peças", "carregamento", "mercadorias.” (SILVA, 2003, p. 27).

A tentativa de apagamento é perigosa. O regime nazista tinha a intenção de apagar os crimes cometidos, e usavam desta linguagem burocrática, e da dissimulação de “normalidade” dentro do campo, para confundir os prisioneiros. Alcançaram, assim, a burocratização da morte.

Uma outra forma de apagamento do acontecido era o processo de organização, que levava à anulação das identidades das pessoas, reduzindo-as a números marcados no pulso. Essa marca não ficaria apenas no corpo, mas refletiria no resto de suas vidas, definindo aí uma fronteira entre o antes e depois do trauma, a força para contar, a vontade de esquecer. Como testemunhas de um evento violento e histórico da humanidade, precisavam ser anuladas, como pessoas, serem silenciadas, mesmo que não perdessem a vida.

O processo de genocídio dos judeus europeus foi concebido e executado, entre 1941 e 1945, entre outros aspectos, para evitar qualquer reação das vítimas, negando às próprias vítimas, até a consumação última da sua própria morte, a consciência de que elas seriam assassinadas e de que estava em curso um processo de genocídio. (CYTRYNOWICZ, in SILVA, 2020 p.125)

Para tudo isso não há palavras que possam representar o fato histórico que foi o nazismo. Não há para o nazismo ou para qualquer outro evento que tenha causado a morte em massa, via uma ideologia política, uma identificação com o que é humano. A Literatura de Testemunho talvez seja a ferramenta capaz de trazer para a sociedade o olhar humano para um evento histórico que não pode ser repetido.

 Quem testemunha tenta traduzir o fato traumático a fim de trazer para a compreensão do mundo, através da fala, as agressões sofridas; apresenta dados, informações e detalhes que possam de fato comprovar a veracidade do relato. No entanto, este relato é apresentado pelo ponto de vista de um enunciador, sendo ele mesmo personagem da narrativa. O enunciado se apresentará a partir da forma que o enunciador, o sobrevivente compreendeu o que passou. “O testemunho tem sempre parte com a possibilidade ao menos da ficção, do perjúrio e da mentira''*,* afirma *Derrida* (SILVA, 2020, p. 374). Ficção não no sentido de o relato ser fruto da imaginação do sobrevivente, mas pela forma literária em que este sobrevivente tenta traduzir o fato traumático, busca a forma literária para representar aquilo que é inimaginável, “Semprún e outros sobreviventes da Shoah sabem que aquilo que transcende a verossimilhança exige uma reformulação artística para a sua transmissão*.”* (SILVA, 2020, p. 380).

Nesse sentido, Kristeva (2012) em O texto como produtividade, in Introdução à Semanálise, diz que “o verossímil nasce do efeito da semelhança” (2012, p. 138). Ou seja, o evento que é discutido aqui: o nazismo não se assemelha com aquilo que é conhecido a nível humano. Quem ouve o sobrevivente não encontra uma identificação com seu relato, não consegue trazê-lo plenamente para sua compreensão, porque o relato ultrapassa aquilo que é verossímil para o ouvinte. Por seu relato não ser suficiente para si mesmo e por não fazer sentido pelo distanciamento da realidade experimentada por aquele que não a viveu, é que, por vezes, ocorre de o sobrevivente silenciar-se.

Digamos, para deixar mais claro, que o problema do verossímil é o problema do sentido: ter sentido é ser verossímil (semântica ou sintaticamente); ser verossímil nada mais é que ter um sentido. Ora, sendo o sentido (além da verdade objetiva) um efeito interdiscursivo, o efeito verossímil é uma questão de relação de discursos (KRISTEVA, 2012 p. 137).

No relato dos sobreviventes, embora a organização sintática, o efeito interdiscursivo aconteçam, a noção de verossimilhança em relação à possibilidade de realidade se esmaece pela força do inumano e cresce a impressão ficcional. No entanto, como afirmado anteriormente, é uma “ficção” formal, porque, mesmo aparentemente inverossímil, é uma narrativa encravada na história, é um relato vívido de uma memória histórica.

A dificuldade do relato se instala a partir da consciência da intraduzibilidade do evento limite. Estas pessoas que resistiram ao limite da morte passam por um processo de estranhamento que dá início ainda durante o evento traumático. Neste ponto, o sobrevivente lembra-se de sua vida anterior como se fosse um sonho, uma alucinação, uma realidade que não é mais palpável, ou seja, ao estar preso, sua preocupação é pela sobrevivência. Primo Levi (Levi. 1988, p.48) É isto um Homem? relata: “Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro.” O amanhã já não importa, sua urgência tem a ver com o momento presente: como comer, como passar pelo frio, como sobreviver a todas as agressões impostas, como manter-se vivo.

Essa urgência ainda se mantém no sobrevivente, ao ser liberto, pois inicia-se uma busca para restituição de sua identidade enquanto parte da sociedade. Porém, ainda que nada pareça ter mudado, o sobrevivente já não encontra a vida de antes, descobre-se em um mundo completamente diferente e percebe-se só, deslocado.

A solidão do sobrevivente é a dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos, máxima semelhança, se tornaram assassinos de um povo (SILVA, 2020, p. 136)

 Isso leva a memória a um certo negacionismo dos fatos a fim de libertar-se do trauma e permitir que o sobrevivente se sinta ocupando, novamente, um lugar na sociedade. O sobrevivente se cala, também, porque, por outro lado, a própria sociedade possui seus traumas pós-guerra e não está disposta a ouvir relatos a respeito das barbaridades ocorridas. Todos querem buscar o esquecimento e estabelecer uma nova história, mas a negação dos fatos, apaga a história.

Mas o testemunho vem. Vem pela força do trauma, por uma outra forma de urgência: a da necessidade de falar sobre o acontecido, como uma maneira de tirar de dentro de si a memória traumática, de esclarecê-la para si mesmo e para preservá-la no outro. Primo Levi (1988, p.08) no prefácio de sua obra: *É Isto Um Homem?* Diz que seu livro “foi escrito para satisfazer esta necessidade em primeiro lugar, portanto, com finalidade de libertação interior”. A necessidade individual de reconstruir-se socialmente, torna o testemunho literário o luzeiro, o farol da memória da história e um instrumento preservador da sociedade.

O relato testemunhal do trauma pode ser o ponto de partida para a restituição de uma vida após ele. Porém há uma dualidade: a necessidade de contar os fatos, e a sensação de que parece faltarem palavras que possam traduzir estes fatos. O processo de narrar a memória traumática passa por essa dualidade, pois, o sobrevivente, na tentativa de reconstruir para si uma nova vida, tenta esquecer sua experiência e ao tentar esquecer ele se lembra, e ao lembrar tenta se livrar do peso que essas memórias lhe trazem. Em alguns casos pode se estabelecer um espaço de tempo entre o evento e o ato de falar sobre o evento, é onde se instala o silêncio do sobrevivente.

Enquanto o sobrevivente vive o "drama do testemunho", que está irremediavelmente ligado a um processo dialético e complexo no qual recordar e esquecer, são dois fatores dinâmicos e inseparáveis (ele em certa medida recorda para se esquecer e porque não consegue esquecer-se precisa narrar)... (CYTRYNOWICZ, inSELIGMANN, 2020, p. 15)

Esta corrente traz à discussão, os limites de representação do trauma, uma vez que o testemunho encontra uma barreira na linguagem para traduzir os fatos causadores deste trauma.

Insuficiencias de las palabras para nombrar los fantasmas del horror; representación de los límites; no la imposibilidad de la representación del sujeito reducido a la pura nada de cuerpos dispersados en el humo; necessidade de la imaginación creadora para socorrer a la memoria: he aquí los três paradigmas fundamentales del canon de la narrativa testimonial de desubjetivación. (SENKMAN, in SILVA, 2020, p. 245)

Esta dificuldade na tradução advém da situação extraordinária que os sobreviventes experienciaram, porém quando o relato vem à tona, ele toma um caráter de urgência, ou seja, a ordem dos fatos que serão relatados não necessariamente virá de forma cronológica, mas sim na ordem daquilo que o sobrevivente considera mais urgente em relatar. Nesse sentido, em termos de literatura o texto pode se apresentar também, em formas de *Flash back,* partindo do relato mais urgente para o relato menos relevante no ponto de vista do sobrevivente. Primo Levi (Levi. 1988, p.08) escreveu no prefácio do seu livro; É Isto um Homem? “A necessidade de contar "aos outros", de tornar "os outros" participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares.

Como já exposto antes, o testemunho serve para o sobrevivente, mais como uma forma de livrar-se do peso de suas memórias traumáticas, de certa forma até como um ponto de identificação com outros sobreviventes, não é uma denúncia, mas uma busca de tentar compreender a barbaridade que ultrapassa o nível do humano. Assim, a Literatura de Testemunho, parte da memória do sobrevivente. Não são relatos históricos, mas que fazem parte do fato histórico em si, e são detalhes cruciais para desvelarem a história.

A história tal qual a conhecíamos até ao início do século XX, não conseguia trazer todo o passado histórico. Com os embates que aconteceram nesse século, não apenas a literatura precisou pensar novas formas de representação; também a história precisou pensar novas formas de apresentar o passado. Nesse sentido, a história passa a ter mais um papel investigativo do passado e a memória é parte importante da investigação da história. É através dessa investigação que se poderá chegar mais próximo da veracidade dos fatos. No entanto, a história deve cuidar para que a memória não seja ferida, que sua historiografia não machuque o passado.

Os historiadores não devem esquecer que são os cidadãos que fazem realmente a história, os historiadores apenas a dizem; mas eles são também cidadãos responsáveis pelo que dizem, sobretudo quando o seu trabalho toca nas memórias feridas. A memória não foi apenas instruída mas igualmente ferida pela história (RICOEUR, 2007. p. 06).

É na esteira da ética do reconhecimento da memória como documento histórico, da historiografia como documento, da memória não como denúncia, mas como relato do fato, que a Literatura de Testemunho, ainda em construção teórica, tenta se firmar.

No mundo que é o nosso não se trata mais de uma questão de decadência da memória coletiva e de declínio da consciência do passado, mas sim da violação brutal daquilo que a memória ainda pode conservar, da mentira deliberada pela deformação das fontes e dos arquivos, da invenção de passados recompostos e míticos a serviço de poderes tenebrosos (YERUSHALMI, 2017, p. 27)

O papel do historiador, na atualidade, passa a ser o de zelar e conservar a memória, a fim de proteger a história e não permitir que forças ideológicas possam manipular a história ou inibir a memória. Os limites da representação do fato traumático não acontecem apenas por uma “forma da linguagem”, mas também porque, no campo da história e no campo da memória, esse limite se estabelece pelo fato de a historiografia não conseguir reinscrever todo o passado no presente, e como a memória, ela também é fragmentada.

Justamente esses desafios é que determinam o caráter da tarefa infinita da historiografia da Shoah a rigor, de qualquer tentativa de lidar com o passado: toda escritura do passado, eu repito, é uma (re)inscrição penosa e nunca total.” (SILVA, 2020, p. 76).

A memória confronta a historiografia através de uma reapropriação do passado[[1]](#footnote-1), não deixando se reduzir à linearidade da representação apenas via arquivos documentais, fotografias ou outras formas de apresentação do passado. Antes, a memória, via testemunho, traz a representação “real” do fato histórico. Através da memória sabe-se que o passado existiu, ainda que ele não esteja mais lá. Paul Ricoeur a este respeito se posiciona:

Nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado. Ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado. É claro que podemos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade. Mas não temos nada melhor do que a memória para nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que declarássemos lembrar-nos dela (RICOEUR, 2007. p.02).

Nesse sentido, a Literatura de Testemunho se apresenta como escritura, mas como escritura de uma voz do passado, memória que reconstrói o presente e preserva o futuro.

# Capítulo 2: Sobre a linguagem e o tempo

## 2.1 Reminiscências

A Reminiscência, refere-se à representações de algo que está no passado, são lembranças pouco precisas, quase como um rastro no passado. “A reminiscência é também conhecida como anamnese e se trata de uma recordação pouco precisa ou vaga de um acontecimento. Esse termo também pode ser usado para designar uma parte ou fragmento de algo que já não existe mais ou mesmo para quando uma pessoa se recorda de maneira inconsciente.” (EQUIPE EDITORIAL DE CONCEITO, 2014, Disponível em <https://conceito.de/>) A esse respeito, Ricoeur diz que:

Uma recordação pode surgir sob a forma de uma imagem de qualquer coisa diferente, que está realmente ausente, mas que consideramos ter existido no passado.É uma imagem-recordação que está presente no espírito, como alguma coisa que não está mais lá, mas que em algum momento já esteve. (RICOEUR, 2007. p.02)

No entanto, lembrar significa pensar em signos e, conforme as lembranças acontecem, dependendo do distanciamento do tempo ou da relação afetiva com o objeto lembrando, o enunciado se modifica estruturalmente, de forma diferente. Zilberbeg, 2011, em suas reflexões sob a ótica da tensividade e sua produção semiótica, observa que o acontecimento é um impacto que modifica o “universo da medida, pelo da desmedida”, a contragosto do sujeito e que

A hipótese que vê nos arranjos estabilizados de valências identificadas o alicerce das significações em discurso tende, por continuidade, a conceder ao acontecimento uma importância, ou uma promoção, que a maior parte das teorias auto proclamadas racionais desconhece (ZILBERBEG, 2011, p. 163).

Concordando com a ideia da tensividade e como ela influencia na construção de enunciados, é que se observou que apesar de a obra aqui explorada ser apresentada em capítulos sequenciais inteiros, fica evidenciado, pela forma da linguagem que se modifica à medida que os capítulos são transcorridos, que três tempos diferentes ficam por ela configurados e, para as observações que serão feitas aqui, eles serão definidos, em três subitens, com os títulos de: Reminiscência, Trauma e Reconstrução.

Ao contrário do que o título da obra dá a entender, em um primeiro momento, *Depois de Auschwitz* não se trata apenas de um relato pós libertação do campo de concentração. *Depois de Auschwitz*, diz da pessoa e do fato histórico, e de como um ser humano, após passar o trauma pelo qual milhares de pessoas passaram no Holocausto, se reconfigura como ser humano. Ele não fala de Eva Schloss; ele usa da escritura de Eva e de sua voz para relatar uma sociedade, uma cultura, um povo que testemunhou um perturbador fato histórico, o Holocausto. “Neste livro, vou contar a vocês como tentei fazer o meu melhor para deixar uma marca no mundo” (SCHLOSS, 2013, p.12). É uma narrativa que se estabelece via memória e que demarca o tempo pelos contornos da linguagem. A autora, narradora em primeira pessoa, se autobiografa em sua infância antes do campo, em sua adolescência dentro do campo e em sua busca por uma identidade, depois do campo. E ao narrar sua história individual, narra a história do povo judeu – e do próprio povo europeu - na Europa do Século XX. É sob a linguagem afetiva das reminiscências, quase um “Querido diário”, trazida por Eva Schloss, que este primeiro subitem será analisado.

No Prólogo, apresentando uma linguagem diversa da que será caracterizada de Reminiscência, apresenta um discurso catártico e urgente, sem sequência cronológica - justamente o que o determina. Os *flashbacks* são constantes e criam um relato tenso. A Semiótica Tensiva observa que os intervalos são denunciantes de maior ou menor tensão do enunciado. E é justamente pelos excessivos flashbacks e mudanças de linguagem usados em intervalos reduzidos, que a linguagem do Prólogo se apresenta tensa e diferenciada dos nove capítulos subsequentes.

Eva, pelo Prólogo, inicia o livro contextualizando o leitor de que, de início, ela não tinha a intenção de contar sua história, mas que o fato de ter sido impulsionada diante de um público e não ter como se esquivar, fê-la mudar de ideia. Provocada por Ken Livingstone, durante a abertura de uma exposição a respeito de Anne Frank, as comportas das memórias passadas foram abertas e a partir daí, as palavras saíram quase que por vontade própria.

- Agora, sei que Eva deseja dizer algumas palavras. A frase ecoou pelo grande salão e me encheram de pavor. [,,,] Diante da insistência de Ken Livingstone, levantei-me e comecei a falar com hesitação. Para o desespero das pessoas que esperavam uma breve introdução, quando comecei, não consegui mais parar. As palavras jorravam e eu continuava falando, relatando as experiências dolorosas e traumáticas que tinha vivido. Fiquei tonta e aterrorizada; não me recordo exatamente o que falei (SCHLOSS, 2013, p. 9).

No prólogo é possível observar as idas e vindas temporais, quando Eva é convocada a contar a história de seu trauma. De forma quase instintiva, sua memória também é convocada ao passado para ser apresentada no presente. Até aquele momento, ela se considerava uma mulher tranquila e com uma vida estabelecida. “eu era uma tranquila mulher de meia idade, casada com um investidor e mãe de três filhas criadas” (SCHLOSS, 2013, p, 7). Do tempo presente, em que se determina e apresenta o fato gerador da ação narrada, salta ao passado:

Tinha quinze anos quando eu e milhares de outras pessoas atravessamos a Europa em um trem de gado com vagões escuros e apertados. Fui jogada para fora em frente ao portão do campo de concentração Auschwitz-Birkenau. Mais de quarenta anos haviam se passado, mas quando Ken Livingstone me pediu para falar sobre o assunto, senti uma onda de terror invadindo meu estômago. Quis correr para debaixo da mesa e me esconder (SCHLOSS, 2013, p, 7).

Nessa descrição do primeiro embate da testemunha, frente a frente com o passado, a memória vem de forma fragmentada, e nem sempre virá de forma ordenada e cronológica, mas pode se apresentar de acordo com a urgência do fato, ou até mesmo, conforme esta memória “aparece” para o sobrevivente. Por isso haverá uma espécie de viagem no tempo, com ida e vindas para que a história seja narrada. Ela fala de uma falta; ainda que sua vida estivesse construída e estabilizada, uma parte dela faltava, uma infância que foi subjugada pelas barbaridades do nazismo. De uma criança que ainda estava perdida em algum lugar.

Eu tinha refeito a minha vida, construído a minha família com um marido maravilhoso e filhas que significavam tudo para mim; estava até mesmo administrando o meu próprio negócio. Mas uma grande parte de mim estava faltando. Eu não era mais a mesma pessoa; a menina extrovertida que adorava andar de bicicleta, plantar bananeira e que nunca parava de falar estava agora trancada em algum lugar que eu não fazia a menor ideia de onde era. (SCHLOSS, 2013, p. 8).

Este lugar de que Eva fala é o tempo. Em algum momento sua história parou e segurou, naquele passado, a menina que desabrochou em outra adolescente. Sua infância, diante dos acontecimentos traumáticos, estava até aquele momento retida em algum lugar, na memória do passado. Retida pelo silêncio imposto por ela mesma, pois, ao mesmo tempo em que há essa falta, há um hiato temporal, que a provoca, pelo silenciamento por parte da autora. Um silêncio que perdurou por anos, até que a necessidade de falar se manifestasse e ela não veio aos poucos; ela foi urgente e aterrorizante.

Durante a noite, sonhei com um grande buraco negro que me engolia. Quando os meus netos perguntaram-me sobre a tatuagem no meu braço - feita em mim quando estava em Auschwitz-, respondi que era apenas o número do meu telefone. Eu não falava sobre o passado (SCHLOSS, 2013, p. 9)

Observe-se que neste trecho, os intervalos temporais se misturam como se não existissem.

Este sonho em que um grande buraco negro a engolia, mostra o grande terror que sentiu ao ter que confrontar seu passado, em ter que desnudar sua experiência diante de toda uma plateia e de sua família, que até então, mesmo sabendo do seu passado, não fazia ideia dos detalhes.

Minha filha Jacky, que estava ouvindo, disse: "Foi uma experiência terrível. Não sabíamos quase nada sobre o que mamãe havia passado, e de repente ela estava naquele palco, com dificuldade para falar e aos prantos (SCHLOSS, 2013, p. 9)

Assim, a linguagem usada no Prólogo, é o signo da urgência, da necessidade da fala individual que dará voz a milhares de seres com a mesma história.

[,,,] naquela época, estávamos apenas começando a contar a história do Holocausto para uma nova geração por meio do diário de Annw Frank e das fotos com sua família [...] A história de Anne consiste no relato de uma garota que emocionou o mundo inteiro pela linguagem simples e humana de seu diário. Minha história é diferente. Também sou uma vítima do nazismo e fui enviada a um campo de concentração. Mas diferentemente de Anne, sobrevivi (SCHLOSS, 2013, p. 8).

De fato, a autora através da sua história, não narra apenas sua experiência pessoal, mas a sua experiência conta a história de milhares de judeus que passaram pela mesma situação que ela. A sua fala vinda em jorro, vem da tentativa de se reencontrar, de alcançar uma criança que está no passado, ainda com medo: “Minhas palavras podem não ter soado coerentes para ninguém, mas, pessoalmente, representaram um grande momento para mim. Eu tinha recuperado uma pequena parte de mim mesma”, (SCHLOSS, 2013, p. 9) e ao reencontrar-se, encarar os milhares de seres humanos que se perderam e que, através do seu testemunho, podem ainda ter voz e tentar abrir os olhos de pessoas que não testemunharam, mas que, por meio de signos capazes de representar, podem levar os leitores a pensarem sobre até onde a intolerância, a ideologia política podem levar.

Ainda hoje existem muitas pessoas procurando por bodes expiatórios com base em cor da pele, antecedentes, sexualidade ou religião. Quero falar para essas pessoas sobre a amargura e o ódio que as fazem culpar os outros. Assim como eles, sei muito bem o quanto a vida pode parecer dura e injusta às vezes. Por vários anos, também senti muito ódio (SCHLOSS, 2013, p. 10).

Assim a autora abre o livro fazendo da sua dor uma ferramenta de comunicação com uma geração que passa por dores parecidas com a que ela passou em relação a discriminação e ao preconceito, e mostrando o quão longe este ódio é capaz de chegar.

Os capítulos reunidos sob o item Reminiscência, serão do primeiro ao nono. Por meio de uma linguagem delicada e rememorativa, a autora inicia apresentando a cidade em que cresceu: Viena e sobre como amava a cidade, destaca, inclusive, algumas personalidades que moravam lá na mesma época, Sigmund Freud por exemplo. Ela apresenta o primeiro local de sua lembrança:

Se você era um jovem ambicioso e judeu na virada do século XX, havia apenas um lugar onde poderia estar: Viena. Meus olhos de criança reconheceram toda a sofisticação e majestade da cidade; lá era minha casa, e eu era uma verdadeira vienense. Quando nasci, vivíamos em uma vila espaçosa no subúrbio frondoso de Hietzing, embora minha família tenha vivenciado uma história longa e turbulenta na cidade. (SCHLOSS, 2013, p. 13)

Após apresentar o local onde sua história começa, ela apresenta sua família e detalha como era sua relação com seus familiares. Ressalta sua relação com seu avô Rudolf e como gostava dos passeios com ele aos domingos. “Nas manhãs de domingo, meu avô me levava até a taverna próxima ao cruzamento ferroviário onde ele tomava sopa e bebia cerveja." (SCHLOSS,2013, p. 24). Mas é perceptível, neste primeiro momento, a relação que Eva destaca com mais intensidade a amizade com seu irmão Heinz e o amor por seu pai Erich. As observações sobre a família vêm por meio de uma linguagem de rememoração.

Era ao ar livre que eu me sentia viva. Queria ser como Pappy e praticar mergulho, natação, corrida e alpinismo. "Vocês nunca devem ter medo", Pappy falava enfaticamente antes de fugirmos de sua perigosa perseguição, que sempre me animava, mas chocava Heinz. Meu pai começou a me ensinar a ser uma pessoa destemida incentivando-me a pular do alto do guarda-roupa do meu quarto para cair direto em seus braços, o que progrediu para mais tarde me jogar no fundo da piscina. Minha mãe estava assustada e Heinz sorria e dizia: "Não, obrigado, Pappy", antes de retomar a leitura de uma de suas histórias favoritas de Júlio Verne. Mas eu confiava em Pappy e sabia que ele nunca me colocaria em uma situação de perigo real; além disso, tinha certeza de que os seus braços grandes sempre estariam lá para me segurar (SCHLOSS, 2013, p. 25- 26).

São reminiscências pessoais, delicadamente tecidas, para delinear a formação social da classe média vienense, financeiramente consubstanciada, culturalmente ativa, que frequentava teatros e restaurantes.

[...] foram cercadas por ruas com novos edifícios residenciais e tomadas pelo crescimento da classe média composta por lojistas e comerciantes. Eram essas pessoas que formavam o público da cultura vienense. [...] Uma boa parte dessa classe média era formada por uma comunidade de judeus muito instruídos e bem-sucedidos.” (SCHLOSS, 2013, p. 14).

Portanto, é possível perceber que esta primeira parte de sua memória, apresentada na obra, trata-se de uma memória íntima, com uma linguagem mais amena, denota uma narrativa nostálgica e emotiva. Traz uma sensação de “querido diário". “A literatura de cunho íntimo, confessional e subjetiva, é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito, fala de um eu que tenta desnudar a sua vida, se revelar, estabelecendo, assim, um elo íntimo entre autor e leitor.” (MARTINS, 2013, p.126). No entanto, ao falar de sua família, Eva descreve o relacionamento de qualquer família judia, uma vida que poderia ser considerada “normal” até que a perseguição começasse.

Há uma distância de mais de 40 anos, entre os fatos narrados e o momento de sua escrita. Ainda que esta primeira parte da obra traga a sensação de se estar diante de um diário, pela forma que a narrativa é construída, e a obra se configure em uma autobiografia, ela não deixa escapar os fatos históricos da segunda guerra mundial, estabelecendo, inclusive, datas históricas precisas, mas a linguagem não é a da narrativa histórica e sim um relato de alguém que assistia a história acontecendo.

 Os austríacos eram muito conhecidos por serem pessoas encantadoras e descontraídas. Como descobri depois, eram "nazistas encantadores" - sorridentes e agradáveis ao comemorar a volta de Hitler para a fronteira depois do Anschluss entre a Alemanha e a Áustria em 1938. [...] Os anos mais tranquilos da minha infância em meados da década de 1930 foram os mais turbulentos em Viena e o marco de anos de conflitos violentos (SCHLOSS, 2013, p. 30).

Eva segue narrando sobre os momentos incertos de sua vida antes de sua família ser capturada pelos nazistas.

Nunca vou me esquecer do medo e do pressentimento que tive na noite em que os nazistas chegaram a Viena. Os soldados foram recebidos na cidade com o toque dos sinos das igrejas e com a aclamação das multidões, enquanto bandeiras vermelhas gigantescas com suásticas negras eram abertas e postas em todas as janelas e edifícios e floresciam pela cidade como uma bandagem de flores venenosas (SCHLOSS, 2013, p. 32-33).

Eva contextualiza os fatos de sua vida com os fatos históricos, visto que ambos acontecem ao mesmo tempo, e tudo o que desencadeia em sua vida é em consequência destes acontecimentos que fazem parte da história. A sua vida é conduzida pelas circunstâncias sociais e históricas que a determinaram. Por isso, seu relato não é individual. É o relato de marcas deixadas em consequência das perseguições contra certas parcelas da sociedade, dentre elas os Judeus.

Fomos para casa quietos e quando Mutti e Pappy nos colocaram para dormir, Mutti beijou a nossa cabeça e disse: "Amanhã será um dia melhor que hoje".

Naquela noite, as palavras de conforto dela fizeram-me dormir melhor, e creio que ela sabia em seu coração que o destino dos judeus de Viena estava traçado. Hitler apareceu na sacada do Neue Hofburg Palace em frente à enorme Praça Imperial, Heldenplatz, em 15 de março de 1938. Ele discursou para a multidão austríaca agitada em frente ao slogan que havia sido criado pelo imperador Franz Joseph, impresso em letras douradas: "A justiça é a base de todos os governos" (SCHLOSS, 2013, p. 33).

Ao mesmo tempo em que suas lembranças retratam as vidas das famílias, (inclusive a da sua), elas destacam um pouco da vida cultural e social de Viena, antes do nazismo, como uma forma de dizer: e tudo começou assim. Era uma cultura que valorizava a arte, a música e que mantinha uma certa liberdade sexual. Mas era uma sociedade que, por outro lado, apresentava problemas sociais e econômicos. Ao mesmo tempo em que a cidade apontava para a modernidade com um sistema de transporte, água potável em instituições voltadas para saúde, faltavam moradias e condições dignas para os menos afortunados. “Viena era uma cidade maravilhosa e atrativa se você fosse rico, mas era um lugar difícil para se viver caso fosse pobre.” (SCHLOSS, 2013, p. 30). Pessoas precisavam improvisar abrigo e cama para conseguirem repousar.

Enquanto a Viena rica se reunia em cafeterias para discutir ideias, a Viena pobre procurava por ambientes aquecidos para se proteger do frio, ler os jornais, se manter informada e tomar uma tigela de sopa.[...] Esses jornais mostravam-lhes que seus problemas tinham uma única causa, os judeus. O prefeito Lueger era declaradamente antissemita e sabia que conseguiria apoio de maneira muito fácil ao jogar a culpa-falsamente - pelas difíceis condições nos empresários judeus. "Tudo menos os judeus", disse ele certa vez (SCHLOSS, 2013, p. 31).

É importante destacar aqui, como Schloss demonstra a importância da palavra na criação do pensamento, demonstrando a estratégia política para a construção de um discurso que culpasse os judeus pela situação econômica, apoiado por alguns veículos de comunicação da época, incitando a discriminação e espalhando a ideia de uma “raça superior”. Esse discurso é observdo por Eva, mas não usado por ela na forma de ódio.

Homens como o parlamentar Georg von Schönerer desejavam reivindicar uma "Alemanha para Los alemães" - incluindo a união entre Alemanha e Áustria -, mas enquanto o imperador Franz Josef permaneceu no trono, eles eram apenas uma voz que refletia as ideias e os debates da época, entre muitas na multidão (SCHLOSS, 2013, p. 31).

Essas eram ideias que, até então, não possuíam tanta força, mas que conquistariam aderência com o passar do tempo e com o crescimento dos movimentos anti-semitas.

No contexto do nazismo, o assassinato iniciou-se ainda antes dos campos de concentração, com as perseguições apoiadas e incentivadas pelo próprio governo. Um assassinato simbólico da identidade, da dignidade de uma população. Aquela população, que naquele momento tornava-se alvo do nazismo, passou a não mais reconhecer pessoas que antes eram simpáticas e amáveis:

De repente, os agradáveis amigos da minha infância se foram. Perguntava-me agora quem eram essas novas pessoas. Os comerciantes simples, condutores de bonde e supervisores de obras que imaginei conhecer estavam **agora fazendo os judeus ajoelharem a seus pés**, fazendo as declarações a favor da democracia desaparecerem.” (SCHLOSS, 2013, p. 34,)(grifo meu).

Eva não fala de si, nem de um dado específico de sua vida, mas da situação a que os judeus estavam sendo impingidos. Essa é uma forte característica da Literatura de Testemunho: não fazer do testemunho individual algo maior do que o fato histórico, que é coletivo.

Como centenas de outras famílias que abandonaram a Áustria e foram tentar a vida em outros países, em 1938, a família de Eva e ela cruzam a fronteira, vão para a Bélgica e se escondem em Bruxelas. Trata-se de uma espécie de exílio. Eles estavam, agora, refugiados em outro lugar que não era o seu lar, obrigados pela força das circunstâncias. “Éramos pessoas "sem pátria" e indesejadas em qualquer lugar. Viver em Bruxelas foi uma experiência traumática para mim, com uma adaptação muito dolorosa - principalmente porque eu não falava francês” (SCHLOSS, 2013, p.42).

Os acontecimentos tornam-se cada vez mais tensos, mas a linguagem ainda não muda, mantem-se na forma da reminiscência. E ainda por suas reminiscências, recorda o quanto essas mudanças mexeram com com sua vida e diz que apenas alguns meses antes ela era apenas uma garotinha. Alguns meses antes? Há que se observar que esta é uma narrativa da retomada de uma memória antiga e muito anterior à narrativa:

 A magnitude das mudanças em minha vida deixava-me tonta. Apenas alguns meses antes eu era uma menina segura da minha educação austríaca, rodeada por uma família grande, com avós, tios, tias, primos e primas, e que ia para a escola com os amigos (SCHLOSS, 2013 p. 42).

Assim, quando ela narra sobre como foi preciso deixar uma vida para trás, ela fala de um sentimento da garotinha, mas pela voz de uma mulher. Lembra-se da garotinha que era há pouco tempo antes, por meio de sua voz 40 anos depois.

Era como se os pilares mais fortes da minha vida estivessem desmoronando ao meu redor. Pouco tempo antes eu era uma menina feliz que havia pulado de olhos fechados de cima de um guarda-roupa com a certeza de que meu pai estaria sempre para me segurar. Agora eu via que, apesar de todas as garantias, meus pais eram impotentes para nos proteger do mal no mundo. Eles não conseguiram nos manter longe dos nazistas e tivemos de fugir da nossa própria casa (SCHLOSS, 2013, p. 46).

A linguagem transita entre a fala de uma mulher, que olha o passado com os olhos do presente e a voz da criança que se apresenta pelo relato do sentimento.

“Quero ir para nossa casa na Áustria, disse a Heinz chorando.” (SCHLOSS, 2013, p. 42).

Quando há uma máquina programada para matar, suas configurações são ordenadas. Discursos de ódio são conduzidos em uma direção específica, revelam aqueles que têm internalizado este discurso, deixam de lado a ética, e convencem outra parcela da sociedade, de que uma minoria específica é a causadora dos problemas da sociedade. Pessoas comuns tornam-se delatores, bajuladores do poder, caçadores de recompensas.

Nunca se sabia quem estava realmente do seu lado, quem o trairia ou mesmo quem poderia ser um dos temíveis "caçadores de judeus". Este grupo anônimo de outrora cidadãos comuns vasculhava as ruas para ganhar dinheiro entregando judeus a nazistas - o que significaria praticamente morte na certa. Na Amsterdã nazista, quase todo mundo era um estranho, e nunca se sabia quais eram as intenções das pessoas que o observavam através das cortinas de suas janelas ou que moravam na casa ao lado (SCHLOSS, 2013, p. 80).

Ao longo dos 9 capítulos, Eva recorda, rememora a sociedade antes do nazismo e a sociedade com sua chegada. Marca datas, demarca fatos históricos, demonstra saudade e dor, mas não perde a linguagem intimista. É por meio dessa linguagem que demarca o tempo: um tempo de paz, depois de apreensão e também de dor. Um tempo em que a voz da criança que fala, amadurece ao longo dos capítulos, mas mantém sua linguagem de reminiscências.

## 2.2 Trauma

O capítulo 9 do livro, intitulado Traição, mostra claramente o marco da mudança do tempo e da linguagem. O tempo da infância e da família passara e inicia-se o tempo do testemunho, o tempo de ser supertes. A linguagem intimista e quase infantil, às vezes, é arrefecida e frases fortes como: “Fui capturada pelos nazistas no meu aniversário de quinze anos. [...] - Aqui estão – eles gritaram – JUDEUS NOJENTOS.” (SCHLOSS, 2013, p.86) (há quase um tom de grito) misturam-se a outras ainda delicadas; “quando desci ao andar inferior naquela manhã de terça feira, descobri que eles tinham preparado um café da manhã especial para o meu aniversário”. Nessa mistura de forma, há o relato da traição pela qual ela e a família sofrem e são capturadas. O capítulo 9, carrega o signo da transição.

Usando de uma narrativa recheada de descrições e observações em que Eva apresenta fatos e detalhes de sua experiência no campo, detalhes que somente quem também passou por aquela experiência poderia contar, pois ao serem enviados para o campo essas pessoas não sabiam mais o que esperar, tudo poderia acontecer.

Eu não conseguia entender como tudo tinha acontecido comigo. Eu era uma garota jovem, de apenas quinze anos, e já tinha sido empurrada de um país para o outro pelos nazistas, tinha sido forçada a sair de casa e a permanecer em esconderijos, e agora estava na prisão, Minha mente girava com uma mistura de raiva e amargura, mas eu só conseguia sentir um vazio (SCHLOSS, 2013, p. 91).

No entanto, ao voltar ao passado, seu relato é vem entremeado e até conduzido por pronomes no plural, por reflexões sobre o coletivo. Como já dito, a morte iniciava-se muito antes das câmaras de gás. Iniciava com o exílio e o roubo do próprio lar, com o fim da liberdade de um povo, mesmo antes de as pessoas serem, de fato, presas. Neste processo de extermínio, muito mais que bens materiais lhes foram roubados. Havia a intenção da destruição da pessoa como indivíduo, da dignidade, da personalidade, sendo tratados de formas animalescas.

O trem nos levou lentamente, atravessando o continente europeu durante três dias e três noites. Estávamos na escuridão, presos como animais condenados, com um balde fedido para ser usado como banheiro e outro com água. Uma vez por dia, o trem parava e os guardas gritavam ao abrir as portas, cegando-nos com a luz do dia, e jogavam alguns pedaços de pão antes de o crepúsculo voltar a nos desorientar. Pessoas choravam, rezavam e ficavam deprimidas com a falta de esperança em meio ao intenso calor do verão (SCHLOSS, 2013, p. 98).

Seu olhar se volta à multidão e ela e seus pais são parte dela. Alguns judeus ainda tentavam guardar um fio de esperança, certamente por não ter certeza dos fatos ou por uma certa negação do que poderia vir a acontecer. Por mais que houvessem boatos de que se matavam judeus no campo de concentração não havia provas, até então se tratava de um campo de trabalho.

O nazismo, como uma máquina preparada para matar, tratava seus horrores com uma normalidade absurda, como tratar essas pessoas com uma falsa humanidade enquanto as mandavam para a morte. Eva chama a atenção para o poder de representação do signo usado com intencionalidade diferenciada. Usado para mentir.

Gemmeker era um nazista típico. Combinava a brutalidade despida de sentimentos com explosões de humanidade "civilizada", dispensadas por capricho. Uma mulher escreveu que ele nunca chamou ninguém de "judeu" ou de "interno", ao passo que outra pessoa recordou que eles tinham ouvido falar de comandantes que chutavam as pessoas nos trens, mas Gemmeker "dava adeus com um sorriso". Ele certa vez anulou a isenção de transporte concedida a uma criança doente, ordenando que ela entrasse no trem com as palavras: "Não, ela vai morrer de um jeito ou de outro" (SCHLOSS, 2013, p. 94).

Em certos momentos, procuravam assemelhar os campos à vida fora dele, com o desenvolvimento de uma cultura própria daquele lugar: hospitais, armazéns dentre outras coisas que o campo de Westerbork, por exemplo, oferecia.

Assim como acontecia em todos os campos, Westerbork rapidamente desenvolveu uma cultura única e peculiar. Em seu apogeu, o local tinha um enorme hospital com mais de mil leitos, médicos especializados e um ambulatório, além de uma cantina e um armazém onde, por algum tempo, as pessoas podiam comprar coisas que não estavam disponíveis em outros locais da Holanda, como peixe, pepino, pudins e buquês de flores. Havia também grandes oficinas e um departamento de alfaiataria com uma máquina especial que remendava buracos em meias femininas (meias que eram consertadas para a chegada a Auschwitz). [...] o mais temido dia da semana era aquele em que o transporte deixava o local, levando milhares de infelizes judeus para o leste, para a morte (SCHLOSS, 2013, p. 93).

Do capítulo 10 ao 14, vê-se o relato descritivo e pouco emotivo no que tange à linguagem de lembranças, mas com uma linguagem na qual transparece a dor e a mágoa, a indignação, mas nunca a individualização. Essa é uma forte característica da Literatura de Testemunho. Os relatos de sua relação com a família, permanecem, quase como ponto de coesão da trama do discurso, pois a importância de seu testemunho está centrada na descrição dos horrores do campo e da perseguição a milhares de pessoas, na sua maioria, judeus:

No total, os nazistas administraram mais de trezentos campos de concentração por toda a Europa.[...] Às vezes os aparelhos quebravam por conta da sobrecarga após terem matado mais de 1 milhão de pessoas.[...] É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana. [...] aprendemos a navegar na internet, e desenvolvemos alimentos e remédio geneticamente modificados. Pelo menos no ocidente, a maioria de nós se tornou mais rica do que uma geração como a dos meus avós poderia ter imaginado, ainda assim, em termos de humanidade, parece que milhares de anos de experiência nos levaram a fazer poucos progressos (SCHLOSS, 2013, p. ?).

Eva, descreve as suas primeiras impressões, sua adaptação, agora como prisioneira de Auschwitz e sobre o contraste da “vida no campo” e da vida que se podia ver fora dele, sempre usando o plural, a coletividade. “Seguimos pela estrada de terra, centenas de mulheres com calor, com sede, cansadas, cientes de que nas fazendas e casas ao redor viviam pessoas comuns seguindo suas vidas.” (SCHLOSS, 2013, p. 104). Ela percebe que dentro de Auschwitz, não haveria algo parecido para se chamar de vida, fora das fronteiras do campo ainda existia vida, mas que agora não era mais palpável a ela e aos milhares de prisioneiros da guerra.

Em 1944, a imagem de longas filas de prisioneiros recém-chegados, ou de homens e mulheres em uniformes de prisão sendo levados para o trabalho, era algo natural para os habitantes locais. A Polônia tinha uma forte tradição de antissemitismo, e grande parte da população local se envolveu ativamente na construção do campo, trabalhando nos crematórios, erguendo as cercas de arame farpado e escavando valas (SCHLOSS, 2013, p. 104).

Auschwitz, foi um dos principais campos de concentração nazista, e tudo acontecia em ordem. A maioria dos soldados executava sua “tarefa” de forma fria e sem expressão de qualquer sentimento; mesmo a raiva não era expressada, estavam apenas cumprindo sua “missão”. Isso demonstra a banalidade do mal no ser humano.

Minhas experiências revelaram que as pessoas têm uma capacidade única para crueldade, brutalidade e completa indiferença aos sentimentos humanos. É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana (SCHLOSS, 2013, p. 100).

Como no campo de Westerbork, Auschwitz também desenvolveu uma cultura própria, com divisões entre os presos. Comparado à vida fora do campo, pode-se dizer que era uma espécie de divisão de classe social. Os prisioneiros não judeus tinham certos privilégios, como um atendimento médico melhor, permissão para se distraírem e muitas vezes poderiam conquistar posição de autoridade em relação aos outros presos. Tudo isso é relatado sob a ótica da coletividade, embora entremeia a eles situações particulares suas, que dão mais veracidade ao fato coletivo.

Os presos não judeus também tinham acesso a cuidados médicos de mais qualidade e melhores condições sanitárias, além de por vezes subirem na hierarquia do campo até chegarem a posições de autoridade sobre outros prisioneiros.

…Um prisioneiro não judeu doente poderia ter uma breve consulta com um médico e receber medicamentos básicos; um prisioneiro judeu doente que fosse digno de "atenção médica" certamente receberia uma injeção no coração com uma dose letal de veneno. Mulheres grávidas eram sujeitas a abortos tardios ou tinham de matar seus filhos quando eles nascessem (SCHLOSS, 2013, p. 111).

Por outro lado, dentro da própria comunidade dos judeus também havia divisões, eram levados em conta a origem, a nacionalidade, as habilidades profissionais dessas pessoas, dentre outras coisas que poderiam fazer com que se destacassem. Judeus que viviam nos guetos, por exemplo, se adaptaram melhor às condições do campo. Alguns judeus poderiam trabalhar na câmara de gás em busca de posses que poderiam ter passado pela inspeção, como dentes de ouro, e esses mesmos judeus poderiam ser mortos, mais tarde, nesta mesma câmara de gás (SCHLOSS, 2013, p.111). Ser privilegiado significava ter uma condição de “vida melhor” dentro do campo, mas não a isenção da morte, no melhor dos casos o tempo de vida era prorrogado.

A forma de organização do campo ia desde o espaço físico - a localização do campo pensando nas conexões dos trens, e no espaço em que os presos ocupariam, dividindo o campo em dois: Auschwitz para os homens e Birkenau para as mulheres A linguagem agressiva e desumana usada dentro de Auschwitz-Birkenau é repetida por Schloss, como forma de representação sígnica do passado.

As principais razões que fizeram com que Auschwitz fosse escolhido como local para abrigar um enorme campo foram as boas conexões, as linhas de trem e as estradas seguindo em todas as direções. A estrada da estação se dividia em duas: uma para o campo dos homens, em Auschwitz, e a outra para o campo das mulheres, em Birkenau… (SCHLOSS, 2013, p.104)

…Havia um fedor azedo desconhecido no ar…

-Bem-vindas a Birkenau - elas diziam com sarcasmo enquanto nos empurravam e nos davam socos. - A sorte de vocês acaba de chegar ao fim. Podem sentir o cheiro dos crematórios? É lá que seus familiares receberam gás no que acreditavam serem salas de banho. Eles estão queimando agora. Vocês nunca voltarão a vê-los! (SCHLOSS, 2013, p. 105)

A linguagem usada pelos nazistas também seria uma forma de apagamento das provas, caso eles perdessem a guerra. Naquele momento a linguagem usada certamente evitaria que os presos tomassem consciência de que realmente estavam enfrentando a morte na forma literal da palavra. Ela vinha camuflada pela palavra destituída de seu significado.

Ao entrar em Auschwitz, a vida de antes já não existiria mais, a garotinha de 15 anos seria apagada e se tornaria apenas mais um número dentre tantos outros judeus.

Mutti passou os braços por sobre meus ombros enquanto outra Kapo pegava uma agulha e uma garrafa de tinta para tatuar meu número no meu braço esquerdo (SCHLOSS, 2013, p. 108).

…Eu agora era a prisioneira A/5272 -parte de um processo cujo objetivo era acabar com meu orgulho e com minha identidade. Quando fui levada para fora da estação de trem de Auschwitz, deixei a menina Eva Geiringer e seus sonhos para trás esquerdo. (SCHLOSS, 2013, p. 108).

De um nome para um número, o ser se apaga. Ambos são signos. O segundo representa a quantidade, o primeiro representa o ser. O processo de apagamento da identidade, é uma forma de matar, uma morte lenta, uma tentativa de aniquilação de um povo. A vida em Auschwitz, era como um mundo à parte, de todo o resto que se podia conhecer fora dali. Uma vida que estava tão perto e ao mesmo tempo parecia uma vaga lembrança do que um dia existiu. Um rastro. Embora relate o passado, não o faz mais como em Reminiscências, como o olhar sobre si e sua vida.

Auschwitz-Birkenau era um mundo à parte, e quase nada daquilo poderia ser comparado à vida que tínhamos antes. Eu ocasionalmente. parava e me lembrava de que, não muito tempo atrás, era uma garota que brincava de bolinha de gude em Merwedeplein, e me perguntava onde Janny Koord, Susanne Lederman e Anne Frank estariam e o que estariam fazendo. Será que suas famílias agora sofriam como nós? (SCHLOSS, 2013, p.109)

Apesar de haver uma lembrança de uma vida anterior, em uma situação limite como Auschwitz, o passado não ganha tanta importância; diante da iminência da morte, as urgências se tornam outras. Numa situação onde tudo o que se tem é a “vida”, qualquer necessidade que fora do campo pudesse ser considerada insignificante, lá dentro poderia servir de moeda de troca por um pedaço de pão a mais.

Nunca tinha feito planos para nada mais complicado do que um simples jogo de bolinhas de gude, mas agora eu aprendia a lutar por minha porção de comida racionada - e, se necessário, a passar fome ao trocar meu pão por outras coisas das quais eu precisava mais (SCHLOSS, 2013, p. 109).

Mas ainda que a vida anterior já não fosse mais palpável, se há lembrança haverá marcas, e rastros do passado, que mesmo que não exista mais há sinais de que um dia existiu. O Canadá, como era chamado pelos narzistas, era onde os pertences das pessoas que eram levadas ao campo eram jogados para serem separados entre o que poderia ser aproveitado e o que poderia ser descartado, nada disso seria devolvido. A linguagem é dura.

 Às vezes, os "tesouros" que eu encontrava não eram nada mais do que fotografias de família, cuidadosamente cortadas e dobradas - uma pequena foto de um bebê sorridente, ou um antigo retrato dos pais de alguém, costurada nas linhas de uma jaqueta.[...] Fiquei encarando uma fotografia de uma mãe e um pai segurando seu filho pequeno e percebi, com absoluto horror, que aquilo era a única coisa que importava para quem a tinha escondido - e que nenhuma daquelas pessoas voltaria a se encontrar. Todas estavam mortas (SCHLOSS, 2013, p. 117).

O Canadá era um lugar onde não se saqueava apenas os bens materiais que esse povo possuía, mas saqueavam-se também suas recordações, recordações materializadas nas fotos que foram guardadas e descartadas por um processo de apagamento identitário e histórico do povo judeu.

A autora não somente dá detalhes da sua experiência, ela, via linguagem, procura levar o leitor ao passado, a viver aquela realidade. Convida o leitor a imaginar como era estar dentro do campo de concentração, tornar o leitor participante, trazer para a compreensão do leitor o que foi o nazismo através do seu relato que, apesar de se tratar de uma autobiografia, não é só dela; ela conta a história do ponto de vista de alguém que esteve dentro do Holocausto e que foi participante dele, como milhares de outras pessoas. Em vários trechos ela conclama o leitor a ser testemunha, por meio da imaginação e da criação verossímil, do fato narrado.

Imagine, se conseguir, as noites. Dormíamos apertadas como sardinhas enlatadas, com outras oito mulheres. Quando uma delas se virava, todas nós nos virávamos. Pulgas e outros insetos caiam sobre nós, vindas da cama de cima, e você precisava estar alerta para tirá-las ou elas mordiam sua pele e causavam infecções. [...] Imagine também a fome. Nossa oferta de comida oficial consiste em sopa aguada morna no café da manhã, ou alguns goles de café granulado, seguido por uma refeição noturna composta por uma fatia de pão preto. Nossa ingestão calórica era bem menor do que a dos prisioneiros não judeus. A intenção era nos fazer passar fome até a morte. Schloss p.119 [...] Tente imaginar a sujeira. Em uma ocasião impossível de esquecer, uma Kapo nos puniu por alguma contravenção jogando o conteúdo do balde sanitário sobre nós, e minhas roupas e minha pele ficaram cobertas com fezes por dias até eu finalmente ter permissão para me lavar (SCHLOSS, 2013, p. 120).

É importante notar que Schloss, convida o leitor a imaginar situações que se referem a necessidades básicas de qualquer ser humano, a fim de fazer com que o leitor possa, de alguma forma, ter a noção do que realmente foi o nazismo. Não se tratava de apenas matar os judeus e os outros que ali estavam, tratava-se de um extermínio que matava de forma dolorosa e lenta. Ela narra a desumanização que viveu, não apenas o povo judeu, mas todos que foram vítimas desse sistema de extermínio em massa.

 Acho que eles não pensavam em nós como seres humanos. Talvez realmente acreditassem que éramos "vermes" que precisavam ser erradicados. Mas não consigo imaginar uma mentalidade, nem mesmo uma mentalidade totalmente sujeita ao condicionamento nazista, que os permitisse ser tão negligentes em meio a um assassinato em massa (SCHLOSS, 2013, p. 121).

Em contraste com a vida dos prisioneiros, ela traz a vida daqueles que eram seus algozes, que levavam uma vida com normalidade, levando em conta seus “trabalhos”. Eles se distraiam e se divertiam, mesmo assassinando tantas pessoas. Em linguagem sempre sóbria, mas dura, ela questiona sobre até onde iria a humanidade dessas pessoas.

A esposa de Rudolf Höss, o comandante do campo, avisou a seus filhos para sempre lavarem os morangos que eles cultivavam no jardim de sua casa; as frutas estavam cobertas com a poeira acinzentada que saía do crematório ao lado. A contradição gritante entre os prazeres inocentes da infância, como colher morangos, - coexistindo lado a lado com o Holocausto é algo que me impede de compreender a mentalidade nazista (SCHLOSS,2013, p. 121).

Silva (2020) diz em: A História, Memória e Literatura que é difícil reconhecer uma dimensão humana no nazismo. No sistema nazista em si, de fato não há como identificar essa dimensão humana, o questionamento se apresenta porque esse sistema era organizado por pessoas. Essas pessoas também tinham família, então, até onde pode ir a maldade humana? São questionamentos que a nem a História ou a Literatura podem responder, mas que, através da memória, podem se buscar alternativas, como o é a Literatura de Testemunho, de trazer para a compreensão contemporânea, como eventos limites como o Holocausto podem deixar uma marca profunda na humanidade.

A importância da Literatura de Testemunho está em não deixar que a história seja manipulada, mas que ela seja mantida. O Nazismo não somente tentou assassinar toda uma comunidade, como também tentou o apagamento de provas, o que culminaria na manipulação da história. Haviam dois caminhos: o primeiro, na possibilidade de o sistema nazista prevalecer, todo judeu teria sido aniquilado; ou caso eles perdessem a guerras as provas seriam destruídas. Em ambos os casos o plano era aniquilar os judeus. No entanto, houve sobreviventes e alguns se tornaram múltiplas vozes do passado, por meio da Literatura de Testemunho.

Reichsführer Heinrich Himmler, que havia supervisionado o extermínio dos judeus em nome da SS, tinha consciência da iminente derrota, e compreendeu que os responsáveis não seriam tratados com carinho quando a natureza de seus crimes fosse descoberta. Em outubro ele havia ordenado a extinção dos judeus, e em novembro decidiu que as câmaras de gás e os crematórios de Auschwitz deveriam ser demolidos. A intenção era apagar todos os vestígios do que havia acontecido lá (SCHLOSS, 2013, p. 130).

Ao mesmo tempo em que o sistema Nazista perde a força e o controle, os prisioneiros ainda vivos se tornaram testemunhas dos crimes cometidos ali.

Ao mesmo tempo em que Himmler ordenou o fim das câmaras de gás, centenas de Sonderkommandos lideravam uma insurreição contra a SS. Eles lutaram contra os nazistas, matando vários guardas e fugindo para aldeias vizinhas. Os Sonderkommandos tinham percebido que eram testemunhas-chave das atrocidades que tinham acontecido, e que estavam prestes a serem transferidos do campo para serem assassinados. Por fim, a rebelião fracassou e eles foram capturados e executados, mas o motim conseguiu libertar, pelo menos, uma câmara de gás cheia de pessoas antes que elas fossem mortas (SCHLOSS, 2013, p. 130).

Sonderkommandos, eram presos que trabalhavam na câmara de gás, e que seriam testemunhas das atrocidades cometidas. Porém todos os sobreviventes eram testemunhas desses crimes.

Tínhamos plena consciência de que nós também éramos testemunhas vivas e que a SS estava aterrorizada com o que os soviéticos poderiam fazer com eles. Eles poderiam estar considerando matar todos nós em vez de deixar qualquer um vivo para contar toda a verdade.

…Alguns documentos e toda a papelada meticulosamente conservada da Solução Final foram queimados. Os corpos que estavam enterrados atrás das câmaras de gás foram exumados e queimados em valas abertas (SCHLOSS, 2013, p. 130).

Apesar de apresentar todos os fatos históricos, datas e detalhes de espaços físicos o relato de Eva, não tem intenção política, nem histórica, embora a alcance. Ela relata seu trauma quase como um documentário, não tem tom de denúncia, mas como alguém que está contando o fato porque esteve lá no momento em que ele aconteceu. Ela está testemunhando a respeito do evento limite que marcou a vida de tantas pessoas. Apenas o seu relato, apenas a sua memória pode não ser o suficiente para comprovar a veracidade dos fatos. Mas a memória, chamada à coletividade, é capaz de não deixar que os crimes sejam apagados da memória da humanidade.

## 2.3 Reconstrução

Libertos do campo de concentração, inicia-se o caminho de volta. Num primeiro momento, reunião de cacos, tentativa de organização de ideias, buscas do passado, esperanças de encontro de parentes vivos. A linguagem usada nos capítulos de 16 a 28, é uma linguagem de reflexão. Trechos da nostálgica linguagem de Reminiscências retornam. Surge uma forma de construção entre a linguagem sóbria, porém dura do Trauma, para alcançar uma construção capaz de revelar a dor, a insegurança e a tentativa de abandonar o passado para tentar alcançar um futuro. Entre a linguagem intimista representativa da infância e a fria, dura, descritiva da adolescência traumática, surge uma linguagem de reconstrução em que fica expressa, no enunciado, um misto de trauma, de dor e de passado anterior em ação de reconstrução. O passado fica sempre como memória arquivada, como diz Ricoeur (2020) e, no caso de alguns sobreviventes, só muito mais tarde surge como memória registrada e aí torna-se testemunho.

É interessante notar como Schloss tem forte noção da ação representativa do signo e como sua influência pode interferir na reconstrução dos fatos. É uma noção empírica, nascida da vivência e do confronto, da marca na pele. Não é uma consciência de construção linguística, mas usa-a. Inicialmente observa sobre a importância da linguagem, desde o fato de receber e escrever cartas, como uma possibilidade de fala e de voz e, posteriormente, quando sua memória por fim se estabelece como algo vivo no presente, da sua preocupação e cuidado com sua forma de representação.

 Há uma nítida mudança de linguagem no decorrer dos próximos capítulos, como se as mudanças da forma da linguagem fossem as representações das transformações temporais e psicológicas causadas pelo fluir da guerra e do pós-guerra. A linguagem amena, branda, que fala de uma infância que, mesmo em meio às perseguições fora uma infância feliz, uma fala nostálgica do passado, diferente de quando ela apresenta o Trauma, em que usa uma linguagem fria, porém sóbria, com a qual narra os horrores de Auschwitz, em uma forma quase documental, pela qual expõe detalhes de situações pelas quais os presos passaram ali, transforma-se em reflexões sobre a vida futura, e sobre a necessidade e forma da representação para a manutenção do passado no presente.

A pergunta era: o que eu iria fazer com o meu futuro?

…Amsterdã agora parecia uma cidade pequena e monótona, onde todo mundo sabia sobre os problemas de todo mundo e o ritmo de vida era pesarosamente lento. "Não quero ficar aqui", escrevi para os meus avós. "Este é o país mais nojento do mundo"

…Mas naqueles anos após a guerra, tudo parecia muito sombrio. Como muitas pessoas, eu havia passado por experiências que tornaram impossível voltar à vida que conhecia antes. Eu precisava sair para o mundo e construir um novo tipo de vida - mas eu não tinha ideia do que isso implicava. (Schloss, 2013, p.192)

Os sobreviventes passam por um processo de estranhamento e solidão. Sentem que não serão compreendidos, ou que serão desacreditados, visto que o Holocausto foi uma barbárie tão grande que muitas vezes os relatos dos sobreviventes passaram por exagerados e até mesmo como fruto da ficção pois, de fato, o nazismo ultrapassa o entendimento humano. A sensação de injustiça também era latente, os nazistas e seus apoiadores, ao serem julgados, tinham, por vezes, suas penas abrandadas, mesmo com o testemunho daqueles que passaram pela provação. Havia o descrédito da palavra, qualquer coisa poderia ajudar para que a pena fosse minimizada. “O tempo médio de permanência na cadeia de um "**caçador de judeus"** era de dez anos, mas algumas sentenças não passavam de doze meses.” (SCHLOSS, 2013, p.199) (grifo meu) A linguagem já é de cobrança, de mágoa, mas não de denúncia.

No que se refere a eventos traumáticos, há uma dúbia vontade, a de esquecer e a de falar. Logo que Eva é libertada, ela relata todos os acontecimentos para seu Primo Tom, que foi a primeira e até então a única pessoa com quem ela dividiu sua experiência, e observa que o fato de contar de falar ficou mais gravado na memória dele do que na dela. Ela havia construído para ela um universo até então inexistente. Após este fato ela tenta esquecer Auschwitz.

Ficamos em Darwen por um bom tempo e dividi um quarto pequeno com meu primo de dez anos, Tom. Minha visita permaneceu mais registrada na memória dele do que na minha. Ele recorda com clareza **da noite em que o mantive acordado contando-lhe** sobre a guerra e sobre Auschwitz.

**Contei** a ele sobre a fome, o frio e sobre o medo de ser assassinada. **Contei** também sobre a sujeira, sobre as doenças - e sobre a brutalidade da SS. **Falei e falei** durante a noite inteira. **Mostrei** a Tom a minha tatuagem no braço e **contei** as circunstâncias em que ela fora feita, além dos panos que tínhamos de trançar e do medo que eu sentia em não atingir a minha cota. (Schloss p.188) (grifos meus)

O sobrevivente além de sentir dificuldade para passar ao ouvinte a representação do que experienciou, corria o risco do julgamento alheio, e da descredibilidade do seu testemunho como acontecia nos julgamentos dos nazistas, dado o relato extremado dos sobreviventes: inverossímil? Ficcional? “Acho que senti que ele era jovem demais para entender verdadeiramente o que eu estava contando a ele”. Schloss silencia-se durante anos.

Essas marcas pairavam sobre mim quando eu estava em público, reduzindo-me à sombra de mim mesma, e também me aprisionavam como uma armadilha nos pesadelos que eu tinha durante a noite. Essas sombras permaneciam até mesmo entre Mutti e eu - nós, que tínhamos passado por tudo isso juntas, e que **não conseguimos conversar a respeito do assunto,** tampouco consolar uma à outra. Schloss p.246 (grifo meu)

Elas tinham consciência de que a memória verbalizada, traz o passado como vida para o presente. Verbalizar é manter, é reconstruir.

 A tentativa dos nazistas de silenciar o sobrevivente, até certo ponto funcionou, mesmo após o campo. Ao descredibilizá-lo perante si mesmo, tirando-lhe a personalidade; ao deixá-lo a esmo, sem a compreensão do que estava acontecendo; ao dar-lhe uma pseudo consciência da morte, que na verdade era um “banho”, os nazistas, realmente, criaram ações que conseguiram silenciar, por anos, alguns sobreviventes, porque tiraram-lhes a noção da importância da representação sígnica.

Conseguiram ir além: na tentativa de silenciar o sobrevivente, descredibilizaram-lhes a memória (até para eles mesmos) e colocaram em cheque seus testemunhos. Schloss relata, inclusive, a experiência de Otto Frank, pai de Anne Frank, a conhecida adolescente que escreveu um diário que se tornou famoso, que enfrentou batalhas judiciais e disponibilizou para perícia o diário de sua filha para comprovar a veracidade do Diário de Anne Frank. Havia uma escritura, havia a força da palavra registrada.

Otto também esteve envolvido em uma série de processos contra antissemitas e contra pessoas que negavam a existência do Holocausto, que desafiavam a veracidade do diário, alegando que se tratava de uma farsa escrita por Otto ou por Meyer Leving. (SCHLOSS, 2013 p.237)

 Schloss, em uma exposição sobre Anne Frank, é impulsionada a quebrar seu silêncio e a falar, pela primeira vez, em público, sobre seu passado. Ao falar sobre as memórias traumáticas, o sobrevivente faz um enfrentamento com o passado, e ao transformá-lo em palavras, signos que representam sua memória, o passado não é mais passado, ele é presente vivo e a fala do sobrevivente lembra outras lembranças e cada vez mais profundas. E uma vez verbalizadas, audíveis, conscientemente signos, elas não se apagam mais. É muito interessante notar como as três formas de organização do discurso se acoplam, num mesmo espaço, neste momento.

Deixei o lugar sentindo que eu estava caminhando sobre um precipício entre a minha vida presente e a vida que tinha deixado para trás. De repente, minha mente encheu-se de lembranças de Pappy e Heinz em Amsterdã, da terrível viagem para Auschwitz e do adeus na rampa. Pude lembrar do quanto Birkenau era frio e sujo, da sensação de corte nos dedos dos pés e das dores causada pela inanição. Senti novamente o choque e o terror ao me virar e ver Mutti sendo levada para o que eu acreditava ser a morte nas câmaras de gás. Eu não pensava sobre esses acontecimentos havia anos, simplesmente os afastei da minha vida, e esperava que fosse para sempre. Agora eu tinha permitido que a minha história viesse à tona e não conseguia apagar as lembranças mesmo que quisesse. (SCHLOSS, 2013 p. 254)

 A partir dessa consciência, a autora continua participando de palestras para dividir os acontecimentos de sua vida. Neste terceiro momento, a reconstrução apresenta uma linguagem prosaica e sóbria. Schloss preocupa-se, desde o início, com a forma de se expressar de traduzir o seu sentimento através de sua fala. Ainda com a tentativa de manter uma ordem dos fatos e uma linha de raciocínio lógica, ela pede para que seu esposo escreva o que ela deveria falar. No entanto, isso ainda não traria de fato a tradução que ela gostaria: do medo, da fome, do frio, dentre outros sentimentos que permeavam a sua memória: “transmitir a profundidade e a dimensão do que eu havia passado, especialmente porque eu mesma não tinha parado para refletir sobre isso. Tentei colocar mais sentimento nas palavras datilografadas, e sentia com muita apreensão as datas das próximas inaugurações se aproximando” SCHLOSS, 2013, p.255

 Traduzir fatos traumáticos para quem não presenciou o fato, é algo considerado quase impossível para a testemunha, por se tratar de eventos que ultrapassam o entendimento humano. Então ela começa a falar conforme as lembranças iam se apresentando, adaptando sua linguagem de acordo com o público ouvinte, para que pudesse causar mais identificação do público com o seu relato.

Mesmo utilizando os discursos datilografados por Zvi, os primeiros eventos foram uma tortura para mim e provavelmente para o público também. Sempre achei difícil falar a partir do que estava escrito em uma folha de papel, e a minha voz soava mecânica e distante da minha própria história. Eu considerava impossível falar livremente, olhar nos olhos das pessoas e relaxar, sabendo que a minha história iria fluir naturalmente, exatamente da maneira como deveria. Descobri que, se eu quisesse continuar falando, teria de encontrar o que eu realmente queria dizer - e então comecei a utilizar menos as palavras de Zvi e mais o meu próprio vocabulário. (SCHLOSS, 2013 p.256)

Dessa forma ela conseguiria contar os horrores do holocausto e fazer com que o público compreendesse o que as vítimas dos campos de concentração passaram, utilizando-se, muitas vezes de traçar um paralelo entre sua experiência passada e a experiência presente do ouvinte.

A única opção era continuar tentando falar devagar e estruturar a minha própria história do jeito que eu desejava contá-la, com alguns tropeços ao longo do caminho - e contar com a compreensão do público, pois estávamos dividindo uma experiência. Atualmente eu não escrevo com antecedência o que vou dizer, para nunca repetir a minha fala, e descobri que isso deixa uma margem para que eu possa desenvolver a minha história. Posso contar às pessoas como as minhas reflexões sobre o passado estão mudando e descobri que elas se sentem conectadas a mim enquanto falo com elas, quase como amigas. (SCHLOSS, 2013, p.261)

 Fica clara a noção estabelecida pela linguística entre língua e fala.

 Com essa forma de relatar, como uma linguagem próxima do público, o faz ter uma ideia da experiência do campo de concentração, facilita a abertura para a empatia e recepção por parte do público. A intenção de dividir o seu relato, não é a de levantar uma bandeira política, nem tampouco colocar-se em posição de vítima. A intenção é fazer com que, a partir da palavra de sua memória, o ouvinte possa compreender a história de um povo massacrado por um sistema autoritário que, motivado pelo preconceito, tentou apagar da história toda uma população e apagar o fato aviltante daquele apagamento. O cuidado com as palavras, com a forma de organização de seu discurso, só tem uma intenção: evitar que histórias como a que aconteceu com ela e outras vítimas possam se repetir. “Contar a minha história foi uma maneira de espalhar uma mensagem sobre preconceito e tolerância…”. SCHLOSS, 2013, p.262

As histórias de Eva Schloss e Anne Frank tornaram-se peças teatrais, que foram apresentadas em diversos lugares para diferentes públicos. Mais uma vez a preocupação com a representação sígnica surge. Já não é somente a forma do discurso que a preocupa, mas ela questiona a respeito dos atores e atrizes que interpretaram a história, uma vez que eles não eram parecidos fisicamente com as pessoas reais.

Nenhum dos personagens se parecia conosco na vida real, o elenco era aleatório, a atriz que interpretava Anne Frank tinha ascendência coreana, e Pappy foi interpretado por um ator afro -americano. Ninguém havia me falado sobre isso e no começo fiquei muito surpresa. Mas a peça funcionou maravilhosamente bem ao **enfatizar a mensagem essencial da humanidade,** tanto que houve momentos em que me esqueci da origem étnica dos atores e fiquei completamente absorvida pelos personagens da história. (SCHLOSS, 2013 p. 265) (grifo meu)

Trata-se de uma representação. De fato, apesar de traduzir uma história real, a peça, enquanto estrutura discursiva, sistema semiótico, é ficcional. Não tem a intencionalidade de recriar de forma completa aquela realidade dos campos ou dos esconderijos. Para que a representação das atrocidades fosse recepcionada, foi necessário criar-se um equilíbrio entre o real e a interpretação e, mais uma vez, ao retirar o foco dos personagens e deixá-lo sobre a história, a palavra ganha força e recria a história pela memória.

Foi extremamente difícil assistir a algumas cenas da história da minha própria família, e se James não tivesse criado um equilíbrio perfeito entre a tensão daquelas cenas e os momentos mais leves, possivelmente teria achado insuportável de assistir. (SCHLOSS, 2013, p. 265)

 É muito interessante observar a noção (às vezes inconsciente) do poder da representação. Ao produzir a obra *Depois de Auschwitz*, Eva também se preocupa com a linguagem e como a mensagem chegará ao leitor. Ela usou de uma linguagem simples, sóbria, de fácil entendimento para qualquer público que tenha interesse em ler e saber da história do Holocausto através dos olhos de um sobrevivente. E, apesar de nem sempre suas memórias apresentarem-se de forma cronológica, os espaços de literariedade transformam a leitura em uma narrativa quase ficcional, não deixando escapar os detalhes de sua experiência com a força da palavra que ecoa do passado.

Schloss, no prólogo, diz que este livro é uma tentativa de deixar sua marca no mundo. De fato, o livro traz essa característica, e consegue ter êxito pela consciência que ela tem da linguagem e de seu poder transformacional, e usa-o. Expõe dados e detalhes de sua experiência, em primeira pessoa, mas faz com que essa experiência não seja apenas dela. Seu relato, de aparência individual, traz a memória como instrumento de recriação da história, e ultrapassa o fato histórico, recriando a história de várias pessoas, não apenas dos judeus no Holocausto, mas alcança gerações e países, posteriormente, como um grito e um farol de alerta contra todas as formas de nazismos que ainda acontecem no mundo.

#

#

#

#

#

#

#

# Considerações finais

É interessante observar a força da linguagem e como ela foi usada nesses relatos pois, sendo a linguagem a ferramenta de comunicação do homem, é também uma ferramenta de construção da sociedade que, por meio dela, cria seus valores. Assim, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas é a partir da linguagem que se pautará o consciente coletivo e ela será índice de posturas e caminhos assumidos pelo indivíduo na coletividade.

Além da linguagem possibilitar a comunicação, é por meio dela que se organiza a ideologia, discursos são criados e perpetuados na sociedade, seja para o bem ou para o mal. Como foi no regime nazista, antes que houvesse de fato a materialização dos campos de concentração, as prisões e a construção de uma máquina de morte, houve primeiro a construção de um discurso de ódio antissemita, que se espalhou e tomou força com a chegada de Hitler ao poder. É possível identificar na sociedade hoje, discursos análogos ao discurso de ódio perpetrado durante a Segunda Guerra mundial. E por esse motivo a Literatura de Testemunho torna-se importante.

Esta corrente literária faz da voz do sobrevivente que, diante da impossibilidade de esquecer, resolve falar sobre a sua experiência traumática, uma forma de linguagem da memória, no sentido de perpetuar a história. Este relato não é uma denúncia, mas esta memória individual atravessada pela memória coletiva; é uma linguagem que permite a constatação da veracidade do fato histórico. O registro dessa memória é importante para que a História não venha ser manipulada ou apagada por alguma força de ideologia política. Ou seja, a voz dos sobreviventes, por meio do texto literário, torna-se a voz da coletividade e possibilita a manutenção da história, pois traz significância ao fato histórico

A obra: *Depois de Auschwitz* é a materialização sígnica da memória de Eva Schloss, que traz em uma linguagem cuidada e diferenciada pelos espaços temporais, a história do significado resultante da Segunda Guerra Mundial, as transformações culturais, psíquicas e sociais que ela provocou no mundo. Mostra como a disseminação de um discurso de ódio pode fazer com que o mal seja banalizado, a ponto de mesmo não sendo esquecido e conhecido como mal, não seja totalmente exterminado. Observa-se que a autora se preocupa com a linguagem e adapta-a para cada público em suas palestras, e cuida da escrita na construção de sua literatura para que exista uma identificação e aconteça a recepção positiva dos fatos narrados, assim, suas representações sígnicas, em qualquer dos sistemas semióticos dos quais lançou mão, são ações de alerta sobre um discurso que precisa ser renegado.

 A Literatura de Testemunho, assume-se como signo da voz do sobrevivente e é, também, a linguagem da memória que fará com que a sociedade não se esqueça como a construção de um discurso, atrelado a uma crise social e econômica é a receita para que eventos catastróficos como o Holocausto, sejam vistos e até aceitos com normalidade pela coletividade. Além de ser atalaia, a Literatura de Testemunho, uma corrente literária que ainda ensaia suas teorias, já cumpre um papel de suma importância, de preservação e elucidação da história. É uma corrente literária que precisa ser melhor estudada e valorizada, por ser capaz de apresentar valor literário, histórico e social.

 **Referências**

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. 832 p.

Equipe editorial de Conceito.de. (29 de Novembro de 2014). *Conceito de reminiscência*. Conceito.de.<https://conceito.de/reminisencia>

 .

GONÇALVES, Allaidy da Silva Barbosa Miguel Jorge: a personagem em movimento semiótico / 2020

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NESTROVSKI, Arthur *et al*. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p.264

*NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.*

PRIMO, Levi. É isto um Homem?. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 221 p.

RICOEUR, P. A Memória, a História, o Esquecimento. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. O Que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHLOSS, Eva. Depois de Auschwitz: O Emocionante Relato da Irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto. São Paulo: Universo dos Livros Editora Ltda, 2013. 304 p.

SILVA, M.S. História Memória Literatura. São Paulo: Ed.UNICAMP, 2003.

WIESEL, Elie. A Noite: Um dos mais importantes testemunhos sobre a vida nos campos de concentração. 1. ed. Rio de Janeiro: Universo dos Livros Editora Ltda, 2021, 160 p.

1. Terminologia usada por Paul Ricoeur. RICOEUR, Paul. *A Memória, A história, O esquecimento*. Editora da UNICAMP. Campinas, 2007. [↑](#footnote-ref-1)